Snipers: guia completo

Apesar dos Snipers não serem necessariamente membros das Forças de Operações Especiais, os membros da ForOpEsp podem ser treinados como snipers. Unidades como o SAS britânico, a Forca Delta americana, o GIGN francês e inúmeras outras, cada vez mais dependem da função especifica do sniper para obterem sucesso em suas operações. Ele é quem tem a função básica de neutralizar obstáculos humanos para que unidades de ataque possam invadir locais defendidos ou eliminar ameaças a reféns ou instalações estratégicas.

A palavra sniper vem do pássaro snipe que era muito difícil de caçar e passou a ser dados aos caçadores habilidosos. A palavra sniper foi registrado em 1824 no sentido de atirador de elite ou "sharpshooter". O verbo sniper originou em 1770 entre os soldados britânicos nas Índias britânicas no senso de "disparar de local oculto", em alusão a caça do sniper, pássaro difícil de caçar. Os que eram habilidosos em caçar a ave eram chamados de "sniper". Na Guerra Civil americana o termo era "escaramuçador" (skirmisher). Não usavam termo sniper nos EUA na época. Foram os alemães que começaram a chamar seus atiradores como snipers. No Brasil, a tradução de snipe é Narceja ou Maçarico. A tradução literal não é conveniente para uso e por isso é usado a palavra caçador no EB. Aqui será chamado de sniper.

O sniper (tocaieiro, franco atirador, atirador de elite, atirador de escol, caçador) sempre ocupou uma posição ímpar, seja dentro de Forças Militares ou na imaginação popular. A mera menção de seu nome sniper, carrega com ela um ar de ameaça. Suas capacidades sempre foram muito maiores que suas limitações, geralmente relacionadas com material como alcance das armas, angulo morto e meteorologia.

A missão principal do sniper é apoiar operações de combate realizando tiros precisos, a longa distância, contra alvos selecionados, de oportunidade ou planejados, sem ser percebido, com o menor número de munição possível. Geralmente o alvo é um soldado, criminoso ou terrorista e pouca munição significa um único tiro. A distância do alvo varia de 100m para a polícia a mais de 1km para os snipers militares. Além de bater alvos, o sniper retardar os movimentos, gerando confusão e diminuindo moral. Como resultado secundário o sniper leva o terror e a desmoralização ao adversário, pela eliminação silenciosa de seus membros. Estas missões podem ser realizadas com armas convencionais bem mais caras como a artilharia e blindados.

A identificação de alvos é crucial com o sniper tendo que distinguir oficiais, mensageiros, operadores de rádio, operador de armas pesada e tripulantes. Os snipers inimigos são os mais importantes, assim como outras ameaças como cachorros e seus tratadores, sempre empregados para caçar snipers. Os soldados comuns estão no fim da lista de prioridade. Os oficiais são identificados pelo comportamento ou símbolos de hierarquia, falam com operadores de rádio, local de passageiro em veículos, tem ajudantes ou falam e se movem frequentemente.

A doutrina do EB cita como alvos principais:

- oficiais e comandantes de todos os níveis
- guias e rastreadores e seus cães
- atiradores de armas coletivas e pessoal de comunicações
- chefes e motoristas de blindados
- pilotos de helicópteros, pousados ou pairado
- observadores avançados
- snipers/caçadores inimigos

Com armamento pesado pode destruir viaturas, radares, comunicações, entre outros. Todos os alvos citados podem ser engajados a noite com miras adequadas.

No US Army, as funções do sniper apoiando comandantes são:

- coleta de informação de combate em tempo real
- reconhecimento
- apoio de fogo
- tiro de precisão
- eliminação de ameaça
- proteção de força
- coordenação rápida
- aumenta da área de influência
- diminuição do risco colateral

Sua arma principal é o fuzil de longo alcance, mas também é treinado para chamar artilharia e manejar metralhadora ou plantar explosivos em emboscadas. Os snipers das tropas de operações especiais americanas também recebem treinamento para atuar como controladores aéreos avançados, chamando de aviação tática para dar apoio aéreo (cobertura na FAB).

O manual russo da Segunda Guerra Mundial cita as funções do sniper como sendo:

- Destruir armas inimigas que podem interferir no avanço do pelotão (sniper)
- Destruir o componente de comando inimigo para interferir na cadeia de comando (oficiais e sargentos)
- Encontrar e destruir inimigo que esta conduzindo fogo e interferindo no avanço das tropas (metralha, morteiro)

A missão secundaria do sniper, durante o período de inatividade, é a coleta informações, inteligência, observação e reconhecimento do campo batalha, reportando ao escalão superior sobre a situação do inimigo, terreno e meteorologia. Consiste em penetrar a RIPI (Região de Interesse Para Inteligência), realizando

reconhecimento de pontos e pequenas áreas e vigiar um setor, via de acesso ou eixo. Deve estar dentro do alcance do rádio. Com a maioria das mortes na guerra moderna são por armas coletivas, as missões de reconhecimento e vigilância passaram a ser um dos mais efetivos usos dos snipers e só engajam alvos de oportunidade de alto valor. A câmera fotográfica agora parte do arsenal. Os modelos digitais facilitaram o trabalho com facilidade de revelar e número de fotos. Com equipamento adequado a foto pode ser enviada por rádio.

O sniper deve ser bom para observação e orientação com a capacidade de ler mapas e fotografias aéreas. Os snipers devem saber coletar informações em quantidade e qualidade. Já na Primeira Guerra Mundial os snipers se tornaram os ouvidos do quartel general.



A definição sniper é de um soldado capaz de se ocultar, para atingir alvos de alto valor, coletar informações e se retirar sem ser detectado.

O sniper é considerado uma arma de precisão barata que precisa de pouco apoio e manutenção. Um exemplo da economia de força é poder deter um avanço inimigo com uma força bem inferior.

Os snipers costumam gastar um ou dois tiros por alvo e ainda podem dar um tiro de

misericórdia em alguns alvos. O lema de "one shot, one kill" é mais para marketing.

Estudos mostram que na Primeira Guerra Mundial foram gastos sete mil tiros por baixa inimiga, na Segunda Guerra Mundial 25 mil e no Vietnã 50 mil tiros. Já um sniper gastou uma média de 1,3 tiros. O custo em munição é baixo, mas difícil é calcular os custos do efeito moral e psicológico no inimigo. Operar numa área em que haja atiradores de elite significa ter de pensar cuidadosamente antes de fazer qualquer movimento o que reduz a velocidade dos deslocamentos.

Equipes de snipers finlandesas chegaram a caçar companhias russas inteiras durante dias na Segunda Guerra Mundial e usavam fuzil sem luneta. Um operador de metralhadora alemão resolver ser voluntário após perceber que era um alvo prioritário dos snipers russos. Foi a única forma de sobreviver.

Existem três tipos de sniper: militar, policial e propósitos especiais. O sniper militar já pode ser separado no sniper propriamente dito e o DM (Designated Marksman) para apoio de fogo preciso para tropas de infantaria.

Alguns exércitos escolhem os melhores atiradores que são distribuídos ao nível de pelotão ou grupo de combate com armas equipadas com lunetas. No US Army são chamados de Designated Marksman (DM). Um DM não tem todas as habilidades do snipers e apenas batem alvos mais distantes funcionando como apoio de fogo.

Os russo sempre deram muita importância aos DM. Um DM é distribuído para cada pelotão como função semelhante ao do US Army. Acompanham a tropa ou patrulha e a maioria não é treinada como um sniper profissional.

Os snipers da policial tem certas peculiaridades. O cenário geralmente é de resgate de reféns e atiram apenas como último recurso, com ameaça direta a vida dos reféns. No caso é mais para matar do que incapacitar. Se o alvo não morrer leva a morte aos reféns. O sniper policial deve ser capaz de acertar partes do corpo para causar morte instantânea sem contração espasmódica para apertar o gatilho, como o "T da morte", área entre olhos e base do nariz onde um tiro causa morte instantânea, sem reflexos motores ou atingir o alvo escondido atrás de reféns. O sniper policial deve ser muito preciso a curta distância, onde os engajamentos raramente passam de 300m e a maioria ocorre a menos de 100m. Geralmente são poucos tiros por ação, não se tem limitação de escolha de calibre ou munição, não precisam se preocupar com efeito do ambiente na arma (ficam guardados e são retirados apenas para uso), e não se preocupam com a própria segurança durante e após ação, nem tem problemas para infiltrar ou exfiltrar. Em um episódio, um sniper da SWAT americana atirou no revolver na mão do alvo para evitar uma tentativa de suicídio. Em testes posteriores o resultado não foi consistente e existe um risco de ferimento por estilhados. A arma pode disparar e pode não conseguir desabilitar. Em alguns locais este tiro seria ilegal.

Os sniper de propósitos especiais usam armas de grande calibre para atingir alvos a alcance ultra longo ou detonar explosivos, ou usar fuzil com silenciador para operações secretas.

Vários países tem doutrina militar próprias em termos de emprego do sniper nas unidades, colocação e táticas. Na doutrina russa e seguidores o sniper atua nos pelotões de infantaria, chamados de atirador de elite "sharpshooters" ou "designated riflemen" em outras doutrinas. Eles passaram a ter este nome pois a capacidade de tiro das tropas foi perdida com a introdução do fuzil de assalto e submetralhadoras, otimizados para luta rápida a curta distância.

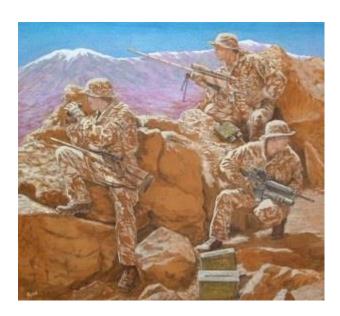
Os snipers britânicos e americanos, além de outros países, adotam a doutrina de dupla de sniper, com atirador e observador com funções diferentes.

A importância dos snipers pode ser comprovada com as novas mudanças no US Army após as experiências nos conflitos recentes e combate ao terror. Atualmente são três equipes nas Companhias de comando e uma equipe em cada Companhia de infantaria. A Brigada Stryker BCT do US Army vai ter 48 vagas para sniper, atuando em equipes de 2-3 sniper, em 3.600 tropas no total, mas serão usados mais como DM e não como sniper verdadeiros. No Iraque os snipers da BCT são usados para proteger patrulhas de infantaria fazendo varredura nas cidades, e matar líderes guerrilheiros e desorganizar se ataques. Para comparação, as brigadas de assalto aéreo e pára-quedistas tem 18 vagas para snipers. Os Rangers aumentaram o número de snipers por batalhão de 14 para 40.



Uma dupla de scout-sniper do USMC no Iraque. Estão armados com o fuzil SR25 que

agora foi escolhido oficialmente para equipar todas as forças armadas americanas. O US Army e Reino Unido empregam o sniper atachado a unidade e não como parte, dando mais liberdade aos movimentos. Outros países como França, Israel e Rússia empregam seus snipers como parte da unidade. Os Scout Sniper do USMC agora são parte do pelotão de Surveillance Target and Acquisiton. Também são empregados em pequenos times atachados ao batalhão de infantaria passando a ter proteção. As tropas convencionais EUA usam o sniper em duplas, com apoio mútuo, com rádios de linha de visada em missões de curta duração. As SOF usam equipes de dois a quatro snipers, podem ter apoio externo, rádios de longo alcance e missões de longa duração.



Snipers canadenses em operação nas montanhas do Afeganistão. Em cada um dos nove batalhões de infantaria ativos há um grupo de snipers constituído de dois atiradores e seu auxiliar. A equipe acima está armada com um fuzil calibre 7,62mm, um fuzil de longo alcance calibre TAC-50 calibre 12,7mm e o auxiliar está armado com um fuzil M-16 (versão local) com um lança granadas. O MacMillan TAC-50 Tactical Anti-Materiel Sniper Rifle System foi comprada pelo Canadá para armar seus snipers e depois por vários países europeus. Os canadenses atingiram o recorde de tiro a longa distância com a TAC-50 no Afeganistão em 2002 com suas forças especiais. O evento foi durante a operação Anaconda no avanço no vale Shah-i-Kot onde apoiavam a 101Divisão americana quando as tropas americanas passaram a ser alvo de snipers, metralhadoras e morteiros do Talibã. Os snipers canadenses engajaram a distâncias na maioria entre 780-1.500km. A morte mais distante foi a 2.430 metros quebrando o recorde de Carlos Hatchcock no Vietnã que atingiu um alvo a 2.215m com uma metralhadora M2 com luneta. O tempo de voo do projétil foi de cerca de 4,5 segundos. A baixa densidade do ar nas montanhas (cerca de 2.400m de altitude) aumentou o alcance efetivo da arma. A TAC-50 estava equipada com uma luneta Leopold com zoom de 16x e munição AMAX Match .50.

Sniper x Designated Marksman

A tradução de Marksman e sharpshooter é atirador de elite. No Brasil é chamado de atirador selecionado. No USMC é chamado de Designated Marksman (DM) e no US Army de Squad Designated Marksman (SDM). Na Rússia é chamado de sniper. Em Israel é chamado de sniper de pelotão (squad sniper). Sharpshooter é outro termo usado nos EUA. Nos EUA a sequência de habilidade de tiro é marksman-sharpshooter-expert e é dado para militares e competidores de tiro civil.

A função DM é dar tiro rápido e preciso em alvos inimigo a até 800m com fuzil semiautomático de precisão com luneta. É treinado para tiro precisão e rápido, mas também tiro de alta cadencia.

Algumas doutrinas distinguem o DM do sniper e existem muitas diferenças. O sniper tem treino intensivo para sobrevivência, camuflagem, ocultação, furtividade, infiltração e reconhecimento que não são necessárias para o DM. A diferença no treinamento e papel afeta a doutrina e equipamentos.

Os sniper são usados para reconhecimento e efeito psicológico no inimigo enquanto o DM é para apoio de fogo de longo alcance para o pelotão que está anexado.

O sniper tem função mais estratégico que o DM, com função de reconhecimento e vigilância e está anexado a um nível mais alto como batalhão, operando geralmente independente da unidade. Exceção é Ranger do US Army e USMC que usam sniper a nível companhia. Já os DM são orgânicos do pelotão de infantaria ou grupo de combate assim como os fuzileiros, operador de metralhadoras e granadeiros. Já os DM da polícia tem papel de olhos e ouvidos da situação.

O DM raramente opera individualmente sendo membro regular de unidade anexada e usado se necessário para aumentar o alcance das armas da unidade. Já o sniper raramente realiza só tiro e sempre é usado em objetivos especifico em times de sniper e observados. O sniper usa posição estratégica fixa e se camufla enquanto o DM muda de posição com o pelotão, e não usa camuflagem diferente da infantaria.

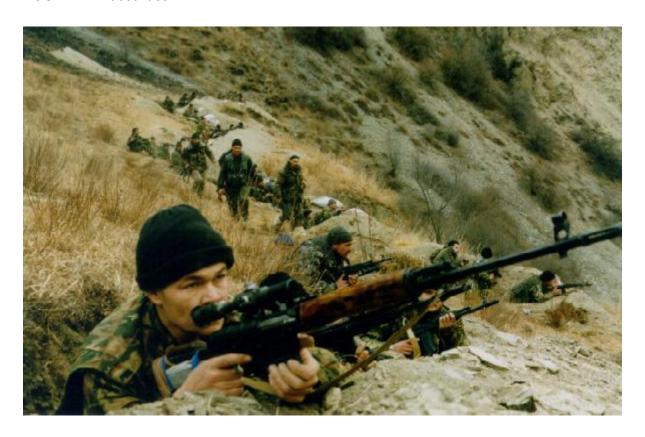
O sniper usa arma de maior precisão e alcance enquanto o DM usa armas semiautomáticas adaptadas e não necessariamente de sniper dedicado, podendo até ser um fuzil comum. A arma do sniper costuma ser de ferrolho enquanto o do DM é um fuzil semi-automático customizado. A distância de engajamento do sniper chega a 1.500m ou mais com fuzil pesado enquanto os DM vão a no máximo 800m. O sniper costuma treinar em vários tipos de armas enquanto o DM só para operar uma arma. O DM atira a distâncias menores, em rápida sucessão e contra alvos moveis, não usando furtividade ou surpresa.

As armas do DM é chamada de Designated Marksman Rifles (DMR) no USMC. Um DMR devem ter alcance maior que um fuzil padrão de infantaria, mas não precisa ter tanto

alcance como um fuzil de sniper. Geralmente é um fuzil modificado com telescópio, bipé e coronha ajustável. A maioria são fuzis da década de 60 calibre 7.62 x 51 como o M-14, FN FAL e G3. Exemplos são o M21 do M14, DMR do M14 do USMC e o G3SG/1 do G3. O Gallil israelense tem uma versão mais dedicada chamada Galatz Sniper Rifle assim como o SR-25 baseado no Stoner AR-10. Já o SVD russo foi projetado desde o início para os DM.

A munição costuma ser o calibre 7.62 x 51mm ocidental e 7.62 x 54 mm R na Rússia que também são usados pelas metralhadoras médias (M-240, MAG e PKM por exemplo) e raramente usa munição especial.

Calibres menores são piores a longa distância, mas mesmo assim existem versões do calibre 5.56 x 45 mm como o Squad Designated Marksman Rifle (SDM-R) do M16 do US Army, Squad Advanced Marksman Rifle (SAM-R) do M16 usado pelo USMC, Mark 12 Mod X Special Purpose Rifle dos Seals, L86A2 LSW britânico agora usado pelos DM e o AUG HBAR-T austríaco.



Um sniper russo acompanhando um pelotão de infantaria em uma patrulha nas montanhas da Chechênia. Na Rússia os snipers atuam como DM e não são snipers verdadeiros.



Um SDM da brigada BCT do US Army no Iraque armado com um fuzil M-14. Os SDM são usados para apoio de fogo cobrindo movimentos de infantaria, especialmente em áreas urbanas. No EUA o DM é usado como multiplicadores de força. Os primeiros snipers anteriores ao século XIX eram mais DM que snipers.

Snipers no Brasil

Em 1988, o Estado-Maior do Exército (EME) despertou para problema de falta de doutrina de uso de sniper no EB. Assim, inciou-se os estudos para equipar os batalhões de infantaria com equipes de caçadores. Desde 2006, o desenvolvimento da doutrina é feita pela Brigada de Operações Especiais. A doutrina já cita que o pelotão de Comando da Companhia de Comando e Apoio dos Batalhões de Infantaria tenha duas equipes de Caçadores e este número pode ser ampliado.

O EB testou várias armas estrangeiras como o M-24, M-21, Sig Sauer SSG 3000, PGM Mini-Hecate, PSG-1 e MSG90 adquiridos em pequenas quantidade. Parece que o escolhido foi o IMBEL Fz .308 AGCL calibre .308 com mira Bushnell Elite 3200 e reticulo MilDot. O AGLC foi desenvolvido segundo as especificações do EB e que foi o que se saiu melhor quando avaliado contra fuzis de sniper de fabricação estrangeira, principalmente no ambiente da Selva Amazônica, onde os snipers seriam mais empregados. No EB, os caçadores utilizam-se de uma luneta com capacidade de telemetria de fabricação israelense. O observador leva um fuzil FAP, com a lunetatelêmetro acoplada, para apoio de fogo.



Um sniper do EB em operação no Haiti com um FAL equipado com luneta. O FAL não é bom parar sniper por ter cobertura móvel onde é adicionada a luneta.



Dupla de caçadores do EB.



Os snipers da FAB usam o fuzil SIG 551 5,56mm com mira ACOG nos seus BINFA. Outra arma usada é o fuzil de precisão PSG-1.



Snipers dos GRUMEC armados com um fuzil Parker-Hhale M85 calibre 7,62mm com luneta alemã Schmidt & Bender 6x42. Para tiro noturno pode ser usado a luneta com intensificador de imagem SU-88/TVS-5. Os snipers do COMANF usam o mesmo equipamento.

Armas e Equipamentos dos Snipers

Com o advento constante de armas de destruição cada vez mais sofisticadas e letais, o sniper continua a desenvolver seu trabalho armado apenas com um rifle de ferrolho, ou semi-automático, e sua fria coragem.

A tecnologia deixou a vida dos sniper paradoxalmente mais fácil, mas ao mesmo tempo perigosa. Novos equipamentos, como fuzis mais precisos, miras óticas e eletrônicas mais sofisticadas, e o uso de pólvoras sem fumaça e sem chama, permitem hoje ao sniper atingir níveis de eficiência nunca antes imaginados. Com o uso de um telemetro laser e um computador balístico um fuzil M-24 consegue atingir alvos 1000m sem dificuldade. Novos sistemas como os citados estão sendo testados no Iraque recentemente.

Os snipers estão mais móveis, com os snipers das Forças de Operações Especiais podendo ser inseridos com helicóptero em qualquer tempo ou pára-quedismo (HALO, HALO). O uso do GPS, rádios criptografados, veículos qualquer-terreno os tornaram muito moveis. Passaram a causar danos a materiais e veículos com fuzis mais potentes podendo até ser considerado os alvos mais importantes que as tropas.



O sistema Sniper Coordination System (SCS) da Elbit usa câmeras de vídeo acopladas ao fuzil dos snipers para controlar vários snipers. Até quatro podem ser coordenados, com mira diurna ou noturna. O sistema permitir dar ordens para os sniper até de forma silenciosa. As imagens podem ser gravadas.

Em 100 anos a distância de engajamento dos snipers passou de 300m para 1km. Devese imaginar como será nos próximos 100 anos. Por outro lado, enquanto a artilharia

passou a engajar alvos a dezenas de km, os blindados em alguns km e os helicópteros a até 8km com mísseis, os fuzis de infantaria passou de um alcance de 1800m contra alvos de área na Primeira Guerra Mundial, para 300m com o calibre 5,56mm. A maioria das nações passou a usar o calibre 5,56 mm enquanto o calibre 7,62mm é mais usado nas metralhadoras médias. O mesmo aconteceu nos países do Pacto de Varsóvia. Mesmo assim a munição 7,62mm especial pode ser conseguida facilmente para os sniper.

Os snipers usam cartuchos especiais com alcance maior para as suas armas, com melhor qualidade de fabricação e parte posterior mais afilada para melhorar a aerodinâmica. Os projeteis atuais são quatro vezes mais precisos que os da Primeira Guerra Mundial. Um projétil de 5,56mm já pode atingir alvos a 1km o que nem era sonhado a 25 anos atrás. Estudos aerodinâmicos atuais levaram ao projeto de projeteis supersônicos compatíveis com silenciadores.

A luneta não ajuda o sniper a atirar melhor, mas sim a ver melhor. A princípio os snipers nem precisam de lunetas e os óticos são usados mais para observar a distância. A distância de engajamento típico é de 400 metros mais devido a necessidade de identificação do alvo. A 400m um homem em pé é menor que a massa de uma mira comum. As miras comuns ainda são efetivas a até 500m.

As miras telescópicas atuais são muito mais precisas, baratas e variam o zoom. Os requerimentos de uma luneta para os snipers considera a potência, definição, campo, ajuste rápido, simplicidade, resistência, rigidez e conveniência para uso. A simbologia agora são colocados no segundo plano de imagem ao invés do primeiro, mantendo o tamanho com variação.

Na Segunda Guerra Mundial o zoom da maioria das lunetas era de 3-4 vezes. Em 1941, a Alemanha iniciou o uso da mira Zf41. Era bem simples e era mais usada pelos DM. Cerca de 100 mil foram fabricadas até o fim da guerra. Atualmente os americanos usam miras ACOG com zoom de quatro vezes em grande número na infantaria comum.

Em 1945, a mira com zoom de 10x passou a ser o padrão dos sniper. Funciona com maior campo de visão (FOV). Quanto maior for o FOV, maior o tamanho da luneta e melhor a visão com pouca luz. O limite passa a ser o tamanho físico da lente para posição de tiro com cabeça alta com 56mm sendo limite.

As lunetas atuais agora estão ficando baratas. Alguns modelos chineses com lentes de plástico custam de menos 100 dólares e é mais capaz que uma luneta da Segunda Guerra Mundial. Com tecnologia de fabricação CAD/CAM agora tudo é automático para projetar e fabricar.

O USMC introduziu o padrão Mil Dot com espaçamento constante no reticulo

facilitando o cálculo da distância. O sniper compara o espaço que o alvo ocupa no dot e usa um gráfico de referência para determinar a distância. Os americanos usam calculadoras para transformar metros do Mil Dot na medida imperial.

O disparo contra alvos distantes é possível com fuzil comum e luneta com aumento de seis vezes. Os snipers geralmente usam armas dedicadas, mas tentar atirar a mais de 1km é considerado perda de tempo. Os snipers são capazes de disparar a longa distância, mas esperam o alvo aproximar para garantir o acerto. Por outro lado o disparo a longa distância não é visto nem ouvido.

No deserto o sniper precisa identificar alvos a 1.500m o que só é possível com luneta com zoom mínimo de 10 vezes e o calor distorce as imagens além da presença de ventos fortes. Em campo aberto como o deserto o fuzil tem que ser bem potente como a Barret M-82 e deve ser capaz de atingir até veículos onde é bem comum. As tropas evitam andar a pé no deserto.

A luneta do observador é usada para detectar alvos e avaliar o tiro. Os telescópios têm um grande zoom, de cerca de 20 vezes como o M-49, contra sete vezes dos binóculos.

Telêmetros laser determinam a distância com grande precisão sendo que já estão miniaturizados em binóculos e futuramente podem estar integrados na luneta. Com um computador balístico será possível uma grande precisão com ventos fortes a longa distância.

O fuzil M-21 americano está equipado com a luneta ART II (Automatic Ranging Ttelescope) com ajuste automático de distância. O sistema ocular foca no alvo com um mecanismo de elevação. Se focou no alvo está zerada na distância.

O tiro a noite foi facilitado com os meios de visão noturna. O Starlight americano foi usado no Vietnã e pesada 2,2kg sendo limitado e frágil. Mesmo assim mostrou se bastante útil para observação e tiro noturno. As câmeras térmicas têm alcance mais longo e detectam alvos escondidos atrás de folhagem e tecido.

Em 1943 foi iniciado o uso de miras noturnas no US Army com o Star Tron PVS-1 Starlight. O PVS-2 era mais potente e foi mais usado. Custava 3 mil dólares em 1970. Era muito pesado, mas a noite o combate geralmente só vai até 400m. Os Vietcongs usava Sniperscope americanos de estoques russo da segunda guerra. Os snipers americanos detectavam fácil suas emissões de infravermelho. A mira noturna russa 1PN83 x 3 já vem com apontador laser. É um intensificador de imagem de segunda geração com alcance de 300m.

Os sensores térmicos agora estão disponíveis para a infantaria o que é um perigo para os sniper. Na década de 90 a cidade de Seravejo na Bósnia estava cercada de snipers atirando em civis. Os países da ONU enviaram equipes anti-snipers para o local que

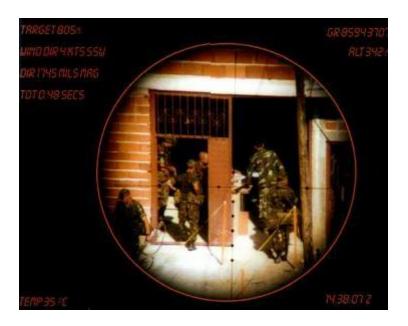
usaram sensores térmicos para detecção. Os alvos quentes brilhavam na tela do sensor na noite fria da região. Várias empresas passaram a colocar no mercado roupas com proteção térmica para contrapor estes sensores como a Spectro Dynamic System.



A luneta AN/PVS-10 atual é bem menor e mais eficiente comparada com as primeiras versões. Pode ser usada de dia e a noite com um intensificador de imagem integrado.



O fuzil M-40A3 pode receber um sensor noturno Universal Night Sight Kit colocado a frente da luneta com o uso de trilhos Picatiny. Na lateral do fuzil foi adicionado um apontador laser que costuma ser usado por controladores aéreos para indicar alvos para aeronaves.



Exemplo de mira com telêmetro laser integrado e dados mostrados na imagem. As equipes de operações especiais americanas já tem capacidade de gravar imagens digitalmente. As propostas de lunetas do futuro são óticos integrados, telêmetro integrado, câmera TV integrada, designador laser, mira térmica e integração com datalink digital e voz.



Uma foto mostrando uma imagem de um intensificador de imagem (acima) e um sensor térmico (abaixo). Com o sensor térmico os alvos podem ser facilmente indentificados. Para os snipers pode ser fatal.



Um fuzil M-40 com um sensor térmico acoplado na luneta.

Armas dos Snipers

Os principais equipamentos do sniper são seu fuzil fuzil e munição, além da camuflagem e do ghillie suit. Na Segunda Guerra Mundial o fuzil do sniper era um fuzil padrão infantaria. Os modelos dos sniper eram testados nas fabricas e mostraram maior precisão. Depois eram equipados com lunetas e outros itens dos sniper. A partir da década de 60 começaram a aparecer projetos de fuzil de sniper especializados com componentes mais precisos.

O peso de um fuzil de sniper deve ser de no mínimo 5kg para diminuir o recuo e dar mais estabilidade. Outra técnica para facilitar o tiro é colocar um gatilho "pesado". A arma do sniper não deve ser pesada pois vai ser carregada por várias horas junto com outras coisas. Deve ser confiável em qualquer tempo e condição climática e facilmente reparada no campo. Deve ter uma mira de ferro de backup.

Podem usar munição padrão militar, mas geralmente usam munição especial para maiores alcances. A arma é "zerada" para aquele lote de munição para garantir que o tiro seja similar ao anterior e dar maior consistência. Porém, é muito difícil de se conseguir na pratica, pois no dia do uso a temperatura, umidade, vento e altitude serão certamente diferentes.

O ideal é que o projétil ainda esteja na velocidade supersônica ao atingir o alvo. Com a velocidade subsônica o tiro cai muito. Isso significa que a munição 7,62mm da OTAN é ideal até 800m e a Lapua é de 1400m. Um sniper americano atingiu insurgente iraquiano a 1.250m com um fuzil M24 mirando 3,5 metros acima do alvo. Já para engajamentos a curta distância a munição subsônica é ideal por poder ser usada com supressor de som e ajuda a ocultar o tiro. O calibre 7,62mm de velocidade subsônica para silenciador (não é supressor) pode ser usada para bater alvos a até 300m. A energia cinética também conta sendo importante contra inimigos com capacete ou colete de proteção.

No inicio os snipers usavam armas da infantaria que tinham desempenho acima da média além de munição especial. Depois passaram a receber armas dedicadas com óticos, equipamento de visão noturna, rádios e roupas de proteção.

As armas podem ser do tipo ferrolho ou semi-automáticas. A diferença está no volume de fogo e na precisão. As armas semi-automáticas são menos precisas mas atiram mais rápido. Também dão mais defeitos e são mais pesadas. Um outro defeito importante é ejetar o cartucho logo após o tiro o que pode comprometer a posição. Os snipers do USMC no Vietnã detectavam os vietcongues pela ejeção dos cartucho das AK-47 que brilhavam com o sol.

A primeira arma automática de snipers entrou em operação em 1940 com o Siminov russo, seguido do SVD em 1965. Era uma arma relativamente leve. Os modelos automáticos da Segunda Guerra Mundial mostraram ser ideais a curta distancia, para parar avanços de muitas tropas. Os fuzis de ferrolho não daria a mesma razão de tiro. É a razão de tiro que torna os fuzis semi-automático preferidos dos DMs.

Nas cidades o fuzil pode ter curto alcance e deve ser preferencialmente semiautomático. Com munição subsônica é possível usar silenciadores que também escondem a fumaça e o brilho do disparo. Um exemplo é a VVS russa. Os americanos tiveram boas experiências com as SR-21 equipado com silenciador nas cidades do Iraque.

No Vietnã, 85% dos snipers do USMC preferiram o fuzil M-14 ao invés do M-40 com ferrolho. As distâncias na selva eram pequenas e a M-14 tinha opção de tiro automático para o caso de contatos próximos ou emboscadas. Também era útil em terreno urbano.

O alcance das armas foi aumentado progressivamente. Na Primeira Guerra Mundial os alvos eram batidos a cerca de 200m, aumentando para 400-600m na Segunda Guerra Mundial e chegando a até 900m no Vietnã. O alcance das armas atuais dos snipers é de 400m contra alvo exposto parcialmente, 800m contra tropa exporta e 1200m com arma especializada. Veículos e equipamentos podem ser engajados a até 1600m com arma de grosso calibre. Um sniper geralmente não engajam alvos a menos de 300m por facilitar sua localização. Geralmente tentam atingir o tronco do alvo.

O fuzil Remington modelo 700 foi recomendada em 1942 como um bom fuzil para sniper para os americanos. Foi recomendado novamente na Coréia com nova munição. Foi aceita finalmente no Vietnã com luneta M-84 pelo USMC e chamado de M-40A1. Já o US Army escolheu o M-14 com a mira M-84 e chamado de M-21. O M-14 foi projetado desde inicio para receber luneta incluindo a Starlight.

Em 1977, os M-40 do USMC passaram a ser substituídos por uma versão de fibra e camuflado, equipado com uma luneta Unertl 10x. Também em 1977, o US Army iniciou

a substituição dos seus M-21 e pensou em usar um calibre maior. A Remington propôs o SWS - Sniper Weapon System baseada no M-40 chamada de M-24 em 1988. Cada um custava US\$3,5 mil cada, ou US\$ 10 mil completo e continuava preciso até após disparar 10 mil tiros contra 500 tiros do SMLE da Segunda Guerra Mundial. Em 1996, o M-40A1 foi substituído pelo M-40A3. Junto com o M-24 tinha luneta de 10x e pesava 5,4kg.



A experiência americana no Afeganistão e Iraque levou a volta do calibre 7,62mm como este M-14 com luneta, retirados de estoques e até do mercado civil, mais devido a ênfase em snipers. Mesmo assim o calibre não é bom acima de 600m.

US Army está padronizando o calibre 7,62mm para substituir vários armas como o M-14, M-24 r Mk 11. Após o ataque de 9 setembro, grande parte dos 40 mil fuzis M-14 estocados foram retirados e reconstruídos para equipar snipers e DM americanos. A nova arma virou um DMR (Designated Marksman Rifle) no USMC e USSOCOM. Até recentemente era o único fuzil especial para os DM.

O M-24 do US Army é muito preciso, mas no conflito na Somália em 1993 mostrou que uma arma semi-automática podia disparar 4-5 vezes mais rápido. Assim o US Army pensou em padronizar armas semi-automáticas para os seus snipers.

A primeira a entrar em operação foi o Mk 11 baseado no SR- 25 (Stoner Rifle-25) com

calibre 7.6x51mm a pedido do Seals. Depois foi usada com luneta Leopold 3x10 pelos observadores da dupla scout/sniper do USMC. É considerada mais precisa até 600m que a M-21 e mais leve (5kg). O US Army lançou o requerimento Semi-Automatic Sniper System (SASS) vencido pela SR25 e chamado de XM110. O XM110 só opera no modo semi-automático e os sniper terão que levar um fuzil M-4 ou similar para combate aproximado. A nova arma tem trilhos Picatinny, recebeu supressor e bipé, gatilho de precisão (mais pesado e com dois estágios), carregador 20 tiros e coronha ajustável. A arma pode ser usada pelos snipers e DM. O USMC estuda armas de médio alcance para engajar alvos entre 1.100-1500m para substituir o calibre 7,62mm.

No Reino Unido o fuzil L42 foi substituído pelo Acuracy L96A1 na década de 80. Os fuzileiros britânicos usam o L115A1 AWM da Accuracy International com calibre 338 Lapua. Os britânicos também usam o L82A1 (Barrett M-82).Em 2003, no Iraque, um L96A1 realizou um tiro com vento forte contra um alvo a 860 metros. Calcularam que o projétil cairia 56 pés e sairia da rota em 38 pés na lateral. Recentemente os britânicos retiraram de ação seus fuzil pesado S-80, substituídos pela metralhadora Minimi, que passou a ser usado pelos DM.



O MX110 SASS será o novo fuzil de sniper e SASS das forças armadas americanas.

O fuzil russo Dragunov (SVD = Semipolarnya Vintovka Dragunova ou Fuzil semiautomático Dragunov), é um fuzil semi-automático, com luneta, carregador de 20 tiros, munição 7,62X54R mm. O SVD foi uma resposta a um requerimento de 1958 para um novo fuzil semi-automático para substituir o Mosin-Nagant, mas com mesmo calibre. A mira PSO-1 tem zoom fixo de 4x sendo adequada até mil metros, mas é boa mesmo até 350m. Quando introduzido o ocidente pensou que os russos dariam um fuzil de sniper para todo infante pois o fuzil tinha uma baioneta. Com o SVD é difícil de acertar um alvo a mais de 500m, pois flutua muito, mas é possível até 800m com munição especial. É usado mais pelos DM. O fuzil SVD mostrou ser ruim para countersniper no Afeganistão. Os russos logo passaram a desenvolver o SVDS com cano mais curto e coronha rebatível. O SVD também mostrou que não tinha a mesma rusticidade dos fuzis AK e precisava de um operador mais bem treinado.

Em 1990 foi iniciado a substituição do SVD com o SV-98 a ferrolho derivado do fuzil

Record 1 de competição. Foi instalado um sistema anti-mirage depois da experiência no deserto e foi adotado no ocidente. Os russos iniciaram o uso de fuzil pesado calibre 12,7mm em 1999 para bater alvos a até 2km. Outra munição foi a de 9mm e .22 silenciosa. Ao invés de desenvolver uma arma para todos os terrenos e alcances, criaram armas para cada terreno e situação. A maioria tem silenciador. Todos fuzis de sniper russos são projetados com o opção de usar a mira de ferro para tiro rápido a curta distância (snap shot) ao contrario do ocidente. Sempre levam armas automáticas para combate aproximado.

Na década de 80 apareceram os fuzil de assalto modificados para sniper como o Galil MSG-90. Era mais barato que um fuzil dedicado, mas usam melhor óticos e munição dedicada em relação aos fuzis de infantaria.



Fita anti-miragem do SV-98 e que foi adotado no ocidente. O ar quente do cano e fumaça atrapalham a pontaria e a fita diminui o problema.



Um sniper americano no Iraque treinando com um fuzil SVD russo. Várias fotos como esta, incluindo operações reais, sugerem que os americanos gostaram do fuzil ou que precisam urgente de armas de snipers.

As armas de maior do calibre dos snipers não são adequadas para esconder a assinatura sonora e visual dos disparos, que podem ser ouvidos a grande distancia e mesmo com supressor o zumbido da bala denuncia a posição ou direção do tiro.

Um supressor é diferente de silenciador. Enquanto o supressor mascara o som, o silenciador elimina completamente. A supressão diminui o alcance e o silenciador tem que usar munição subsônica com alcance de 300-400 metros ou bem menos. O som não pode ser ouvido a 100-200m em uma noite silencioso ou mesmo 30-50m em uma cidade barulhenta.

No Vietnã as tropas usavam um supressor Scionic como o MAW-1 do M16 e M-4SS para o M-14 e M-21. Eram bons a noite, pois eliminava o brilho e a vegetação abafava o resto do som.

Com um amplificador de imagem Starlight e supressor de som em uma M-14, os snipers americanos conseguiam atingir um vietcong em tempo claro e terreno plano a

400 metros sem ser detectados. Com apoio de luz Xenon de blindado como cobertura o Starlight conseguia ver a até 2000 metros.

Sniper pesado / Sniper de longo alcance / Sniper anti-material

O sniper pesado surgiu para destruição de alvos de alto valor ou material perigoso. Usa armas de grande calibre de pelo menos 12,7mm também chamados de fuzil antimaterial. É usado pelos snipers, forças de operações especiais, equipes anti-bomba e equipes de proteção de perímetro.

Os fuzis anti-materiais têm calibre de 12,7mm a 20mm para atacar alvos como blindados leves, armas coletivas, centros de comunicações, mísseis, radares, centros de comando e aeronaves no solo. Assim, com um tiro de 5 dólares, é possível neutralizar uma arma de vários milhões como um caça a mais de mil metros de distância. Também são usados pelas equipes anti-bombas para destruir minas marítimas, minas terrestres e IED a distância segura. A munição perfurante-incendiária (API) é usada para detonar explosivos.

O fuzil pesado Barret M82A1 (ligth fifty) foi introduzido em serviço em 1983 nos EUA. É uma arma semi-automática, de grande recuo, calibre 12,7mm, capaz de acertar o tronco humano a 1,5km. A arma pesa 12,9kg. Foi usada nas operações em Beirute em 1983 e no Panamá em 1989, mas muito mais na operação Desert Storm em 1991 onde as forças especiais a usaram para neutralizar aeronaves, estações de rádio e blindados.

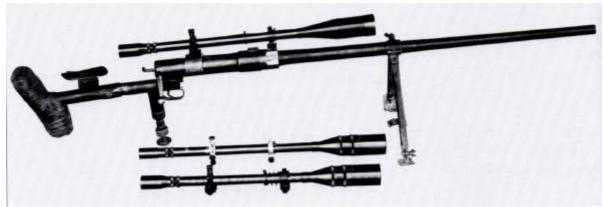
Na operação Desert Storm, na noite entre 24-25 fevereiro, uma equipe motorizada do Force Recon do USMC usou uma M82A1 com munição API para destruir dois blindados YW531 a1100m. O sargento Kennedh Terry atingiu os dois com dois tiros, com vento e calor atrapalhando o tiro. Outros dois blindados se renderam.

O calibre 12,7mm tem capacidade de penetrar 25mm a 370m ou 13mm a 1600m enquanto 7,62 perfura 14mm a 100m e 10mm a 300m. A munição armor-piercing incendiary (API) é usada para penetrar e incendiar munição ou combustível dentro dos veículos. Contra explosivos a munição API as detona a longa distância pelas equipes anti-explosivos.

Foram os alemães que iniciaram o uso de fuzis pesados com o Mauser T-Gewehr M1918 (Panzer Abwehr Gewehr - arma antitanque defensiva) na Primeira Guerra Mundial. O M1918 tinha calibre 13mm, tinha 1,68 m de comprimento e pesava 17,7kg vazio. O recuo podia quebrar a clavícula se disparado em pé, mas penetrava a blindagem lateral e até o bloco do motor dos blindados da época. A guerra terminou antes de serem convertidos para sniper em quantidade. Os britânicos usavam o fuzil

Boys calibre .55 e que foi testado contra pessoal a longa distância.

Ainda na Primeira Guerra Mundial os americanos começaram a ter interesse em armas de grande calibre com o calibre .50 após contato com o fuzil alemão. O primeiro teste com a munição de 12,7mm contra alvos de longo alcance foi na Coréia. Os americanos usaram um fuzil anti-carro Tokarev e adaptaram para o calibre americano. O calibre foi escolhido por ser o mais usado no ocidente e tem balística adequada para a função.



Na Segunda Guerra Mundial os russos já tinham usado o fuzil anti-carro PTRD e PTRS calibre 14,5mm contra sniper bem protegidos e para tiro de longo alcance. Os americanos converteram alguns PTRD para o calibre 12,7mm durante o conflito na Coréia assim como alguns fuzis Boys.

A munição 12,7mm foi feita para metralhadoras pesadas e com pouca tolerância a erros para requerimento de tiro a longa distância. Alguns fabricantes produzem lotes de alta qualidade para os fuzis de sniper.

Foram os americanos que iniciaram os estudos para emprego de fuzil de grosso calibre no combate moderno na década de 70. O resultado foi o Barret M-82 calibre 12,7mm que iniciou o desenvolvimento em 1983. Depois surgiram vários projetos.

O problema dos fuzis anti-material são o grande peso, recuo forte e grande assinatura visual e sonora. O problema do peso é relativamente fácil de resolver com os fuzis chegando a pesar 10-13kg com material leve. Para comparação, um AW50F britânico calibre 12,7 mm pesa 13,64 kg, um fuzil AWM britânico calibre 338 pesa 6,8 kg sem munição e um M-24 pesa 5,49 kg. Um SR-25 calibre 7,62mm pesa 4,87 kg.

O recuo ainda é difícil de resolver para os fuzis com ferrolho e por isso costumam ser semi-automáticos. Uma coronha de material sintético é usado para absorver parte recuo e o freio de boca consegue absorver até 70% ou mais, mas com muita assinatura com grande brilho, som e nuvem de poeira denunciando a posição. O engajamento de alvos a longa distância não necessita de arma semi-automática, mas resolve parte do problema de recuo e alguns fabricantes acham que é preciso engajar alvos em grande sucesso em algumas situações.



A assinatura dos fuzis pesados pode ser parcialmente resolvido com pano molhando embaixo do cano.

O uso de um projétil muito grande pode ser desperdício contra humanos, mas para isso foi desenvolvido o calibre Lapua Magnum .338 para tiro a longa distancia. O Lapua Magnun 8,6x70 pode ser usada contra alvos a até 1.100m e pode chegar a 1.500m, mais ainda é antipessoal dedicado não aceitando munição explosivo ou incendiário. As vezes ainda é insuficiente para contra-sniper como mostrado pela experiência francesa em Serajevo, a russa na Chechênia e americana no Iraque.

Existem vários modelos e fabricantes de fuzis anti-material, mas é um nicho de mercado pequeno. Nos EUA os fabricantes vendem até mais para o mercado civil. São exemplos de modelos de fuzil peado: Guiette .50 (bullpup), Haskins Rai Model 500 (usado pelo USMC em Beirute e Panamá); PGM Precision HECATE II (usado pelas forças especiais francesas), Robar .50 BGM, Mc Millan Gunworks (agora Harris) M-87, Barret M-99 (bullpup), KSVK (bullpup), Truvelo SR . 50, Zastava M093, FN Nemesis (versão mais leve HECAT II FN) e CheyTac Long Range Sniper RIfle.

Os programas americanos Long Range/Heavy Caliber Sniping e US Army Joint Counter Sniper resultaram no fuzil M-107. O M-107 foi usado no Iraque pelo US Army recentemente e mostrou ser muito boa para combate urbano e foi muito apreciada pelo alcance, precisão e efeito no alvo. O inimigo vê o impacto nos amigos e fica aterrorizado. O projétil da M-107 chega a partir um corpo no meio. Em uma ocasião um tiro de 12,7mm atravessou um muro de tijolo, matou um guerrilheiro e feriu dois com estilhaços de tijolos.



O M-107 é o novo fuzil de longo alcance americano complementando o M-82. O M-107 opera com ferrolho e tem a vantagem de ser mais leve. É usado para bater alvos a longa distância, como fuzil anti-material, pelas equipes anti-explosivo e para contrasniper.



No Vietnã os americanos chegaram a equipar as metralhadoras M-2 com lunetas para tiro a longa distância a 1500-2000m. O mesmo já tinha sido feito na Coréia. Na guerra do Pacifico os snipers USMC testou a metralhadora M-2 contra alvos japoneses a 1.100m com sucesso relativo e sem usar lunetas.



Um snipers francês na Bósnia anota as posições e rotas inimigas em uma foto panorâmica acima da arma. Os snipers franceses usam o fuzil FRF-2 calibre 7,62X51 mm (foto) e o PGM Hecate II com cartucho 12,7X99 mm. As duplas de sniper/observador levam as duas armas e o sniper escolhe a melhor arma para a situação. O FRF-2 usa uma cobertura de plástico em volta do cano que diminui a assinatura térmica no calor, e diminui o ar quente que cria miragem. Após 1945 a França colocou um sniper em cada pelotão infantaria. Em cada um dos 23 batalhões de infantaria existe uma seção de snipers na companhia de comando. A seção têm quatro grupos de snipers, cada grupo com dois atiradores (e seu auxiliar).

Táticas e Técnicas dos Snipers

As táticas dos snipers não nasceram prontas, mas foram criadas com o desenrolar dos conflitos, assim como suas armas e equipamentos. Os snipers recebem treinamento sobre camuflagem, ocultação, caça e observação, além de tiro em várias condições. Disparam centenas de tiros em várias semanas enquanto aprendem outras habilidades.

A principal defesa é a camuflagem e ocultação. O sniper limita seus movimentos para evitar detecção. Toma cuidado com a luneta pois pode refletir a luz ambiente. Geralmente evita expor a luneta ou tampa a maior parte.

Os snipers reais treinam muito as técnicas de camuflagem, pois deve atirar sem ser notado. Dependem dela para sobreviver. A técnica de camuflagem principal é criar vestimentas chamadas de "Gillie Suit" que são colocadas em cima do uniforme.

O uniforme de baixo convém ser de infante normal para não ser descoberto. Os snipers são mortos na hora se capturados. Os snipers podem usar qualquer uniforme e não são obrigados a fazer tarefas diárias como outros soldados além de poderem ir onde quiserem. O tratamento diferenciado os torna mal vistos pelas outras tropas.

Foram os "Lovat Scouts" britânicos que introduziram a roupa "Gillie Suit". Eram caçadores escoceses que formaram uma unidade em 1900 com 200 escoceses das terras altas. Eram muito bons em camuflagem, stalking e reconhecimento. Ajudaram na formação dos snipers britânicos na Primeira e Segunda Guerra Mundial. Foram a primeira contramedida britânica contra os snipers alemães na Primeira Guerra. O lema dos Lovats Scouts era "quem atira e foge, vive para atirar outro dia (He who shoots and runs away, lives to shoot another day). A roupa "ghille", vem do escocês para "garoto". Em inglês é o assistentes de caçadores ou pescadores em expedições. A roupa é feita pelo próprio sniper conforme o local que opera e não comprada pronta. É feita com rede ou roupa com tiras de roupas ou tecido enrugado, parecendo folhas e galhos, lembrando um matagal, fácil de fundir com o fundo vegetal. Vegetação local é adicionada. É um processo demorado e demora mais ainda se for necessário uma maior qualidade. O sniper deve estar preparado para adaptar seu ghille em minutos. O problema é que esta roupa são pesadas e quentes, podendo chegar a 50 graus centígrados. São fáceis de pegar fogo e por isso são tratadas com ratardante de fogo.

A proteção térmica passou a ser importante com o emprego de sensores térmicos pelo inimigo que pode detectar facilmente um sniper. Placas de plástico e mantas térmicas podem ser usadas pelo sniper e equipamentos e devem ser camufladas.



A função da roupa "gillie suit" é quebrar o contorno da figura humana e a vegetação adicional é que camufla. A forma, sombra, brilho e silhueta podem denunciar a posição do sniper.

A eficiência do sniper está mais relacionada com o atraso dos movimentos inimigos e não número de mortes. O soldado comum sabe que pode ser atingido, mas pensa "não vai acontecer comigo". A presença do sniper muda esta concepção e piora com os amigos sendo mortos por snipers. O efeito se multiplica quando os snipers agem na retaguarda onde as tropas pensam estar seguros. Os recrutas se escondem e não obedecem ordens. Um sniper alemão na Segunda Guerra cita que disparava de longe, sem chances de acertar, mais para mostrar para os russos que não estavam seguros.

A aproximação do alvo, ou técnicas de progressão, é chamado "stalk" no USMC. Para ser bom em stalk o sniper precisa de muita paciência e coragem. Arrasta em zig-zag na grama para dificultar a visualização do próprio rastro. O nascer e por do sol faz os óticos da luneta brilhar e cada hora trás vantagem e desvantagens em um combate de snipers. A tática anti-barulho é levar o mínimo de equipamento possível. Bom mesmo é só o fuzil, munição e vestimenta. Qualquer barulho pode ser mortal. Na guerra civil espanhola e colocados junto com metralhadoras para mascarar os tiros. No frio o vapor eliminado na respiração pode ser fatal.

As técnicas de progressão no terreno são importantes, pois o sniper deve chegar ao local do alvo e mudar de posição. Os afegãos cancelaram a superioridade numérica e qualitativa russa com conhecimento do terreno. Era onde caçavam e viviam. Contra os EUA não foi possível, pois estavam atuando junto com outros afegãos e a superioridade técnica era muito acima da russa.

Os snipers devem entrar em posição sem ser detectado, movendo-se com paciência, devagar e sem fazer barulho. O olho humano sempre é atraído pelo movimento. Por exemplo, em uma missão no Vietnã, na fronteira com o Laos, o sniper dos USMC Carlos Hathcock cobriu 2km de terreno com grama em quatro dias sem se alimentar e beber água direito. A área estava coberta de patrulhas e foi até pisado na perna por um vietcong. Abateu um general vietcong a 800m e teve que fugir dos vietcongs que o procurava.

Na escolha da posição devem considerar onde alvo vai aparecer no terreno. Devem pensar na reposta para cada situação. Podem atirar, chamar artilharia ou ataque aéreo. São ensinados a ter disciplina e fogo controlado, e não apenas se esconder e atirar em tudo que move.

Um sniper deve ter muita paciente e resistência física, pois pode ficar dias dormente até disparar. Não sai atirando a esmo. Seletividade é a qualidade daquele capaz de selecionar bem seu alvo. Como exemplo, veja-se o caso do sequestro de um ônibus escolar no Djibouti, por forças terroristas. O GIGN francês postou seus snipers em volta do veículo parado numa estrada no deserto, e cada um deles recebeu a missão de neutralizar um dos quatro terroristas que mantinham as crianças imobilizadas dentro do veículo. Porém só poderiam atirar quando "todos" tivessem o campo livre ao mesmo tempo. Depois de quase dez horas de paciência, eles obtiveram luz verde e, com certeiros disparos, abateram todos os terroristas ao mesmo tempo, liberando as crianças do cativeiro.

Uma tática é nunca atirar mais de uma vez do mesmo lugar e se expor o mínimo possível. Bom mesmo é tiro rápido tipo "snap shot" que precisa de muito treino. Para caçar snipers inimigos podem usar a tática de disparar fuzil com corda de longe para chamar fogo dos snipers inimigos ou dispara de posição falsa e volta para a posição real. Um pano molhado pode ser colocado debaixo da arma para evitar levantar poeira e não é aconselhável atirar de dentro de folhagem por defletir o tiro e denunciar a posição. Observar animais é importante para sobreviver, pois avisam se tem alguém perto. O alcance é item para aumentar a sobrevivência. O tiro deve estar longe para não receber fogo de retorno, mas próximo para atirar com precisão.

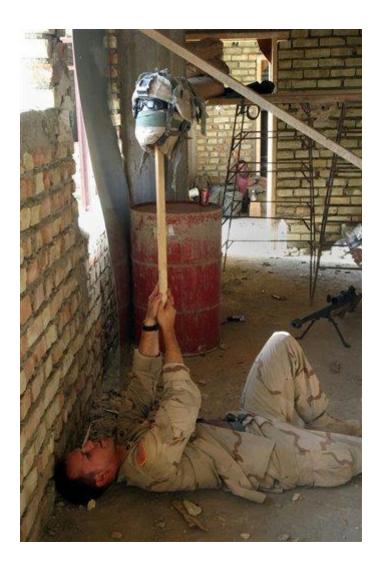
Na observação das tropas inimigas o mais importante é saber quem é o oficial. Na Segunda Guerra Mundial os snipers alemães reconheciam os oficiais britânicos pelo bigode que só eles usavam. Os oficiais americanos e britânicos usavam o mesmo uniforme das tropas comuns e passaram a ter aparecia e comportamento de recrutas. Escondiam mapas, binóculos, divisas e armas diferenciadas como as pistolas. Na Guerra da Coréia os oficiais eram abatidos por usarem óculos ray-ban. As tropas americanas modernas podem ser identificados por detalhes como o apontador laser na arma. Não usam metralhadoras e nem carregam lança-rojões. Sem detalhes para diferenciar, o sniper deve ser capaz de notar quem está dando ordens.

Os conceitos de escolha de posição são relativamente simples. Deve se preparar para mudar de posição logo que sente que vai ser descoberto. Não se deve escolher locais óbvios e já planejar a rota de fuga antecipadamente. Torres e andares de prédios mais altos são exemplos de locais óbvios. São os primeiro alvos do inimigo. O inimigo pode chamar artilharia e armas pesadas contra locais suspeitos. Partes altas dos prédios são as primeiras a serem atingidas por artilharia e a infantaria, também não usa pelo mesmo motivo. As posições são as menos esperadas. Os snipers inimigos saberiam onde procurar facilmente.

Uma casa qualquer com telhado destruído é mais segura. Usando uma casa sozinha o sniper pode ser descoberto e cercado. Uma posição camuflada próxima dá menos problemas. Veículos danificados são bons para esconder, mas tem que mudar de posição frequentemente.

Plantações são bons locais, pois não tem características especificas para o inimigo observar e são bons para mudar de posição. Em cima da árvore é o pior lugar, pois geralmente são pegos. Os japoneses na guerra do Pacífico escondiam nas arvores e a maioria morria, mas mesmo assim causavam muitas baixas nos EUA. As matas usadas como cercas são boas para facilitar a mudança de posição rapidamente.

Os cruzamentos devem ser evitados e são alvos de artilharia por serem pontos de cruzamento de veículos sendo frequentemente bombardeados só por isso. São fáceis de localizar no mapa e o inimigo pode atirar a esmo tentando destruir o tráfego que deve estar passando e até engarrafado no local. Uma posição próxima pode ser ideal. As tropas tendem a parar nestes pontos e esperar ordens. Próximo a pontes é bom para causar baixas e atrasar o avanço inimigo.



A tática de expor um pedaço de roupa com forma humana para chamar atenção inimigo é da Primeira Guerra Mundial. Era muito efetiva contra snipers. No Aden, um sniper britânico detectava terroristas simplesmente chamando a atenção deles. Se aproximavam, mostravam armas e logo eram mortos. Na Guerra Civil americana os snipers levantavam o chapéu para chamar o tiro inimigo enquanto outro respondia ao fogo.



Existem várias posições de tiro de sniper. O sniper acima está sentado e o fuzil está sem luneta. Na Chechênia os sniper russos passara a usar o bipé da metralhadora PKM nos seus fuzis SVD por tornar o tiro mais estável. Mesmo assim treinam para realizar o tiro em todas as situações.

Outra técnica usada pelos snipers é a de não matar, e sim apenas ferir um inimigo, o que leva outros a tentarem resgatá-lo, elevando o número de alvos em potencial. O cinema nos mostra bem isto, como no filme "Nascido para Matar", que mostra uma sniper vietcong ferindo um soldado americano, e usando-o como isca para atrair seus companheiros, ou o filme "Resgate do Soldado Ryan", onde ocorre a mesma situação.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os alemães foram também os primeiros a utilizarem pares de snipers, onde enquanto um dispara, o outro serve de observador e guarda-costas. A experiência mostra que é melhor atuarem aos pares em uma equipe de sniper e observador tendo maior capacidade de sobrevivência e eficiência. Em posição fixa as duplas de snipers fazem vigilância e reconhecimento em turnos de 20 minutos. O observador (ou spotter) usa arma mais leve e granadas. Também tem a missão de evitar times anti-sniper inimigos e observar e corrigir o tiro do sniper. No USMC são chamados de equipe Scout-Snipers. Os sniper móveis são mais agressivos e cobrem uma área maior. Agem atrás da retaguarda inimiga, atacando alvos móveis e suas linhas de suprimento.

Os snipers podem operar como parte de uma patrulha, dirigindo artilharia e para se proteger. Isto anula uma das desvantagens de operar sozinho ou aos pares, estando sempre superado em número. Os snipers podem usar um grupo de combate para apoiar sua retirada.

Seu emprego nas operações ofensivas permite participar em ataque improvisado,

ataque organizado, ataque frontal (atirando contra alvos preparados, casamatas, flanco exposto), ataque envolvente, participar de patrulhas atirando contra alvos distantes. Em uma incursão a função do sniper pode ser a observação de pontos de evasão e escape, vigiar rota de emprego, realizar tiro de longo alcance e toda a operação. Em operações defensivas pode realizar proteção de retaguarda.

Uma tática de emprego comum dos snipers na Segunda Guerra Mundial era penetrar as linhas inimigas a noite e se posicionar em um colina próximo a uma estrada. Os snipers dividiam a área entre equipes ou observador e sniper. Atiravam principalmente nos oficiais. Evitaram atirar mais de duas vezes para não denunciar a posição. Os comboios avançavam na estrada e eram atingidos depois por mais sniper cobrindo outro setor. Já na guerra civil espanhola os snipers eram usados para atrapalhar a linha de suprimentos inimigas.

Uma tática muito eficiente é a emboscada de triangulação. Nesta tática são usados três snipers ou três equipes de snipers. Após escolher o terreno, cada sniper/equipe, fica em um extremo do triangulo no terreno escolhido. A distancia da zona de morte varia de 300 a 600m. Com o inimigo na zona de tiro uma equipe abre fogo. Se for localizada a segunda equipe abre fogo e primeira equipe abandona a posição. Se a segunda equipe for detectada a terceira repete o processo. Esta tática cria muita confusão no inimigo sobre o local dos disparo e quantidade de snipers.

Em uma emboscada anti-carro, a função do sniper é ajudar a atrapalhar as tropas de escoltas e forçar o comandante do blindado a ficar dentro do veículo e assim com menos visão ao redor. Na Segunda Guerra Mundial, a área em torno da cúpula dos comandantes de blindados eram muito marcadas por tiros. Eram o alvo principal da infantaria e dos snipers.

O sniper mostrou sua importância tática ao parar tropas em número muito superior, na ofensiva ou defensiva, por bom um bom tempo. Isso foi provado em várias ocasiões como nas batalhas pela posse da capital da Chechênia, Grozny, onde muitas vezes, um simples sniper chechênio e muitos eram mulheres, detinha forças russas por dias, fazendo com que o avanço geral fosse interrompido.

A guerra psicologia faz parte das táticas dos snipers, no sentido de desmoralizar as tropas inimigas. Durante a Revolução Cubana, os snipers dos guerrilheiros do Movimento 26 de julho sempre atiravam nas tropas da frente em um grupo de soldados Batistas. Assim, ninguém queria ir na frente considerando suicídio. Resultou na falta de interesse em realizar buscas nas bases rebeldes nas montanhas. Outra opção é atingir o segundo no comando, levando ao efeito psicológico de não querer seguir o líder.

A frase "um diparo, uma morte" é outro efeito psicológico da mística dos snipers. A frase incorpora a táticas e filosofia da furtividade e eficiência dos snipers: um único tiro evita disparo desnecessário, todo disparo é certeiro.

Recentemente no Iraque surgiu a lenda de um sniper iraquiano chamado Juba que vem aterrorizando os americanos. Estes sniper tem uma página na Internet onde mostra os vídeos que grada com uma câmera instalado no seu fuzil SVD. As imagens mostra claramente soldados americanos sendo atingidos, principalmente na cabeça. Juba tem a seu crédito pelo menos 37 mortes, mas pode chegar a 150. Os americanos citam que são vários snipers e não um só e que já foi capturado. Juba atua em um veículo com um buraco de onde realiza os disparo, raramente mais de um.

O sniper é uma ótima arma para guerra assimétrica com um lado em franca desvantagem. A estratégia do mais fraco pode usar poucos indivíduos e recursos para retardar o movimento ou outros avanços de uma força muito maior. O sniper atuaria como arma de terror, sendo mais efetivo do que ataques de maior proporções. Na Irlanda do Norte, os sniper eram iscas com uma posição obvia para as patrulha britânica que eram levados para um emboscada ao tentar se aproximar.

Em combate em localidade (terreno urbanizado) algumas táticas são recomendadas. Um sniper deve atirar do fundo do cômodo, com um plataforma elevada se atirar para baixo. O objetivo é dificultar a detecção. Deve preparar a cobertura contra tiros inimigos de retorno. Deve evitar os últimos andares que mais sofrem com artilharia. As aberturas nas paredes oferecem bons campos de tiros, mas o sniper deve proteger as laterais das aberturas onde executar os tiros. Os restos de vidro devem ser retirados para não denunciar a posição durante o disparo caso quebrem. As rotas de fuga devem ser preparadas com antecedência. O uso de armadilhas e minas tipo claymore devem ser usadas para proteger as rotas de fuga ou possíveis locais onde o inimigo possa tomar a posição. Deve aproveitar material local para ajudar a esconde a posição como cortinas, telas e móveis. É aconselhável evitar locais muito aberto e fácil de ser localizado. Quanto mais elevado o andar onde atira, maior o angulo morto e viceversa. O ideal é executar fogo oblíquo ao objetivo que será mais difícil de detectar. É aconselhável ter muitas posições de tiro e evitar as melhores por ser muito evidente. O tiro deve ser certeiro devido a distancia curta e provável reação. Um inimigo ferido pode ser melhor que morte por retardar a ação do inimigo.

As operações em terreno montanhoso tem a vantagem de proporcionar grandes campos de observação e tiro. Por outro lado os grandes desníveis e ventos constantes e irregulares dificultam a balística, mas atiram para baixo e com menor densidade ar o que já é uma vantagem. Outra desvantagem é a dificuldade de se movimentar com equipamento pesado em terreno irregular. É um terreno ideal para emprego de armas pesadas de sniper. De uma posição elevada, várias equipes de sniper podem restringir facilmente a movimentação inimigo pelo fogo de longa distância com economia de forças. Podem proteger vias de aproximação importantes, assim como as comunicação e obstáculos naturais e artificiais (rios, pontes etc).

Um sniper do Vietnã do Norte criou uma tática bem simples para sobreviver durante o

cerco de Khe Sanh, na guerra do Vietnã. A base dos Marines estava cercada por forças do Vietnã do Norte, e é lógico, haviam snipers norte-vietnamitas ao redor. Após dias de busca usando binóculos, os Marines localizaram um sniper inimigo que já havia abatido vários dos seus. Trouxeram uma peça de canhão sem-recuo de 106 mm e eliminaram a ameaça. Dia seguinte, um novo sniper estava no mesmo local. Novas baixas entre os norte-americanos, nova busca minuciosa, localização e eliminação. Dias depois, um terceiro sniper vietnamita apareceu. Os Marines, que já haviam iniciado a busca deste novo inimigo, notaram que, ao contrário dos outros, este não acertava ninguém. Limitava-se a disparar seguidamente, porém sem causar baixas. Um sargento Marine, veterano de muitas campanhas, formulou a seguinte hipótese: este novo sniper havia sido mandado por seu comando para continuar o trabalho dos outros e, eventualmente sofrer o mesmo destino dos outros. Acontece que ele não estava disposto a sofrer o mesmo destino de seus companheiros e, deduziu-se, acertadamente, que se atirasse para satisfazer sues comandantes, porém não acertando ninguém, os americanos o deixariam em paz. E foi o que ocorreu. Durante o restante do cerco, ele seguiu atirando e errando, e os americanos não revidaram com o temido canhão de 106 mm.



Um sniper policial em um helicóptero. O helicóptero permite que os snipers tenham muita mobilidade. Esta tática vem sendo usada desde o Vietnã.



Dois snipers seguem o rastro de guerrilheiros em uma trilha no Afeganistão. As técnicas de rastreamento são ensinadas aos snipers.



Uma dupla de snipers dos Seals da US Navy. A dupla está armada com fuzil M-40 de ferrolho, um Mk12 semi-automático com silenciador e uma M-4. Sua arma principal ainda é o rádio por satélite com laptop que pode ser usado para chamar artilharia e apoio aéreo aproximado. Durante a invasão do Iraque em 2003 os EUA usou cerca de 1.000 operadores das forças de operações especiais para controlar o norte do país e evitar que os três Corpos de Exército na região fossem deslocados para o sul. Foram ajudados por cerca de 10.000 guerrilheiros curdos que conheciam. As equipes se comunicavam com um centro de comando com rádio de satélite que passava as informações para as aeronaves táticas (TACAIR) da posição dos controladores aéreos. A comunicação com as TACAIR era por rádio de curto alcance. As equipes usavam lasers para indicar alvos para as aeronaves. A maioria das equipes era formada por duplas de snipers, armados também com fuzil pesado, e se movimentavam com motos que era ideal para a região. Operavam a partir de uma base maior escondida que apoiava várias duplas. O treino de sniper era útil para se esconder e para realizar reconhecimento e vigilância, além de dar uma boa capacidade de defesa contra tropas em número superior.

Táticas Anti-Sniper

Quando o inimigo está usando snipers a prioridade é matá-los. Neste caso a melhor arma são outros snipers. Enviar a infantaria só aumenta as baixas. A atividade de caçar sniper inimigos virou rotina na Primeira Guerra Mundial. No Vietnã os americanos usavam canhões, lança-rojões, artilharia, metralhadora e até apoio aéreo contra posições inimigas.

A guerra de sniper levou a evolução de várias táticas anti-sniper. O objetivo é diminuir os danos causados pelos sniper que podem ser muito prejudiciais em termos de capacidade de combate e baixar o moral da tropa. Para diminuir o risco de danos que o sniper causa na cadeia de comando, doutrina e equipamento é necessário prevenir comportamentos e sinais de "liderança". As insígnias precisam ser escondidas, com uniforme idêntico para todas os postos, sem luxos na linha de frente, com ordens de comandos sendo dados discretamente. Atos como olhar mapa, mostrar autoridade, abstenção de tarefas comuns e outras linguagens corporais podem denunciar o posto de oficial. As tropas não prestam continência para oficiais no campo e os oficiais procuram cobertura antes de se revelar como bons candidatos para os sniper antes de ler mapas e usar o rádio. Meios valorosos devem ser estacionados em locais protegidos, evitando ataques "anti-material". É uma tática efetiva em qualquer circunstância, visto que previne danos de fragmentos.

Quando um ataque de sniper acontece, a tarefa mais difícil é determinar a localização do sniper. Devido ao fato do sniper usar camuflagem, escolher posição de tiro cuidadosamente e sempre atacar a longa distância, sempre é possível que ele ataque e se retire sem ser detectado. Estar consciente dos métodos que os snipers usam para se ocultar faz parte do processo de detecção dos sniper, como a maioria dos objetos que

geralmente não são percebidos podem funcionar como ninho de sniper. Estes objetivos incluem carros estacionados com buraco por onde podem atirar, com o motorista atuando como sniper. Pilhas de escombros não são geralmente suspeitos e devem ser considerados.

Um sniper amigo costuma ser a maior ferramenta anti-sniper. Com pouco treino, conhecimento das imediações e equipamento, um sniper pode oferecer conselhos a um pelotão, melhorando a capacidade de busca e meios de combater o sniper diretamente. Quando dito o que observar, o pelotão pode agir como ouvido e olhos adicionais do sniper. Além de acompanhar o pelotão, o sniper pode atuar de forma autônoma. Sem ajuda do grupo de combate, um sniper mais habilidoso irá vencer. De qualquer forma, o duelo de sniper irá distrair o sniper inimigo de sua missão.

A observação direta é o meio mais preciso de se localizar um sniper, mas é um luxo raro quando se encara um sniper bem treinado. Vários outros métodos podem ser usados:

- Câmera térmica. O melhor meio de detecção de sniper atualmente são as câmeras térmicas. Funciona a noite e com neblina e só é imune a trajes especiais.
- Azimute reversa. Se um projétil de sniper entra em um objeto fixo, inserindo uma barra no buraco se consegue determinar a direção e arco do projétil além de estimar a distância e elevação. Esta técnica é arriscada sem cobertura e sempre corre o risco de entrar no campo de visão do sniper.
- Triangulação. É uma técnica onde duas ou mais localizações podem identifica a posição do sniper na hora que atira. Em um mapa, cada um coloca a posição onde estava e indica a direção do tiro. As direções irão se cruzar na posição aproximada do sniper. Pode ser feito visualmente com munição traçante que irão se cruzar na posição aproximada do sniper.
- Atraso de som ("crack-bang"). Um projétil supersônico produz uma onda de choque supersônica quando passa. Se a velocidade do projétil inimigo for conhecida, o alcance pode ser estimado mediando o atraso entre a passagem do projétil e o som do tiro, comparando com uma tabela. Este método é efetivo em distancias até 450 metros. Além disso o atraso aumenta, mas a uma razão muito pequena para um humano distinguir.
- Engodo. Quanto mais tiros disparados, maior a chance de se localizar ou observar o sniper. Engodos ajudam a aumentar este número de disparos sem perdas humanas e pode incluir equipamento de valor como mostrar o capacete. Sinais provocativos podem funcionar se o sniper estiver descuidado, agressivo ou não sabe da presença de outras tropas na área. Um sniper bem treinado realiza o mínimo possível de disparos, sendo paciente e disciplinado para evitar isso. O finlandês Kylma-Kalle usou esta

técnica contra os russos. Usava um manequim vestido de oficial. Os snipers soviéticos não resistiam à tentação de um tiro fácil. Após determinar a direção do tiro, o finlandês usava um fuzil pesado Lahti L-39 para eliminar o sniper russo. Outra tática boa é colocar trapos em arbustos, ou coisas similares em áreas de perigo. Os trapos balançando na brisa criam movimentos randômicos no canto dos olhos dos snipers, criando distrações. É fácil de usar, mas não evita que o sniper selecione alvos, e ainda pode dar informação sobre o vento próximo do alvo.

- Detectores. O primeiro sistema de detecção de sniper, chamado "Boomerang" foi desenvolvido pelo DERA britânico e consegue determinar o tipo de projétil, trajetória e ponto de disparo de um local de disparo desconhecido. O sistema usa microfones para detectar o disparo e a onda sônica do projétil. O sensor detecta, classifica, localiza e mostra o resultado em um mapa. O sistema fica montado em um veículo. Os EUA tem o projeto RedOwl, com laser e sensores acústicos.
- Cachorros (K9 ki-nine, ou canine). Cachorros são bons para detectar, alertar e perseguir snipers a noite. Os cachorros iniciaram a caça aos sniper com sucesso no Vietnã. Podem determinar facilmente a direção do sniper pelo som do projétil. Os cachorros deitam com a cabeça apontada para a direção do sniper.



Foto da antena do Bumerang na traseira de um HUMVEE. Cerca de 700 sistemas foram deslocados para o Afeganistão e Iraque. O painel que indica a direção fica na cabine. Os sistemas de detecção de sniper acústicos e radar portáteis se tornaram operacionais. Detectores de som agora são capazes de determinar caminho de tiro e colocar dado em mapa em milisegundos. Se levados por blindados com mira automática pode inserir dados e responder ao tiro imediatamente sem chances de

fugir ou chamar artilharia para saturar área. Os sistemas podem ser usados por equipes anti-sniper e funciona bem em ambiente urbano. Uma vez que a posição do sniper foi encontrada existem as seguintes opções de ação:

- Reconhecimento pelo fogo. Se são poucas as posições onde o sniper pode estar, o grupo de combate pode concentra o fogo nestas posições e observar sinais de sucesso. Em uma situação com muita opção de proteção, um sniper amigo pode disparar uma munição traçante no local para concentrar fogo do pelotão no local.
- Minuto louco (Mad Minute). Se existem muitas posições para ser coberto pelo "reconhecimento pelo fogo", cada posição inimiga possível é atacada por um ou mais soldados, após receber sinal e atirar, com todos os membros do pelotão disparando simultaneamente um certo número de tiros. O método é efetivo e tem valor secundário de aumentar o moral das tropas.
- Artilharia. Se a posição geral do sniper pode ser determinada por outros meios, a área pode ser bombardeada por morteiros ou artilharia. Talvez até pelo ar se for um grande problema.
- Cortina de fumaça. Em áreas urbanas e outros ambientes com poucas opões de movimentação e campos de visão, a fumaça pode ser um meio efetivo de esconder o movimento das tropas. A cortina de fumaça pode ser criada para mudar de posição ou fugir, ou se aproximar e eliminar o sniper. Soldados comuns ainda podem causar danos através da fumaça atirando aleatoriamente ou por intuição, mas o sniper perde sua vantagem da precisão e é menos provável que atinja algo com sua baixa razão de tiro.
- Correr. Táticas de fogo e movimento pode funcionar contra sniper, mas o bom mesmo é correr e se esconder. O maior erro dos alvos é deitar e congelar. São pegos um após o outro. Se o grupo de combate esta paralisado por tiro de sniper e sofrendo baixas, a ordem deve ser dada para tomar a posição do sniper. Se o sniper estiver longe, a ordem é correr para uma posição abrigada. O grupo irá sofrer baixas, mas com muitos alvos móveis e com baixa razão de tiro, as perdas são geralmente pequenas comparadas com a opção de manter posição e ser pego lentamente.
- Movimento em pinça. Se a posição do sniper for conhecida mas sem opção de retaliação direta, um par de grupo de combate pode se mover ocultamente, preferencialmente com cobertura, e direcionar o sniper para o grupo com os alvos. Isto diminui as chances do sniper encontrar uma rota de escape rápida e oculta.
- Armas adequadas. Contra a posição suspeita do sniper pode se usar artilharia ou morteiro. Cortina de fumaça, minas são outras armas que devem estar sempre disponíveis. Armadilhas em posições suspeitas podem ser colocadas caso a tropa esteja estacionada. Até armadilhas falsas podem ajudar a atrapalhar a movimentação de snipers. Sem minas para fazer armadilhas, pode ser usado granadas, fumaça e até

flares. Não mata mas releva a posição. Armadilhas devem ser colocadas próximos a bons locais de tiro de sniper e rotas prováveis. Para isso é bom ter um sniper para conhecer táticas prováveis do inimigo. As equipes do SAS britânico que operaram no Aden na década de 1970 começaram a atacar snipers com o canhão sem recuo Carl Gustav de 84m. Pesando 16kg ele disparava uma granada de 2,6kg a até 1000m com precisão. Era efetivo contra alvos bem protegidos. Os Russos usaram seus RPG no Afeganistão na mesma tarefa com sucesso.



O CSR-84mm Carl Gustav é usado pelo Exército Brasileiro.

As equipes anti-sniper são outro meio para caçar sniper inimigos nas áreas onde operam. As táticas dos sniper são relativamente previsíveis e a melhor reação é usar outro sniper que vai raciocinar de modo contrário. As atividades dos snipers ao caçar outros snipers se baseia em estudar seus hábitos e métodos, e esperar pacientemente por um bom tiro. Acaba sendo um estudo de tiro e camuflagem. Para detecção de snipers inimigos os britânicos iniciaram o uso de telescópios potentes na Segunda Guerra Mundial e mostraram ser uma ótima arma.

As equipes anti-snipers usam posições falsas e truques para o inimigo atirar e revelar sua posição. Uma tática simples das equipes anti-snipers é um atira a esmo e buscar cobertura enquanto outra equipe espera a resposta inimiga para detectar suas posições.

Uma equipe anti-sniper deve ter uma arma de longo alcance e de preferência maior que o do inimigo. O calibre Lapua mostrou ser insuficiente para contra-sniper como mostrado pela experiência francesa em Serajevo, a russa na Chechênia e americana no Iraque. A melhor arma é um fuzil pesado.

Já um sniper deve estar preparado para a reação inimiga. Deve evitar atirar do mesmo lugar sempre contra o mesmo objetivo. Se torna uma posição óbvia para outro sniper

assim como possíveis rotas de fuga e pode ser emboscado. De detectado por outros sniper tem poucas chances de sobreviver. Deve estar pronto para criar cortina de fumaça, se esconder e fugir correndo para dificultar o tiro inimigo.

Seleção e Treino

Sniper é uma tarefa especializada e precisa de escola apropriada, treinamento, doutrina e armamento especializado. Não é uma tarefa que pode ser ensinada para qualquer soldado. Em tempo de guerra, a vantagem tática costuma ir para tropas mais bem treinadas, equipadas e motivadas. O sniper tem que ter os três juntos. Todos os soldados são treinados para destruir um oponente, mas os sniper a levam a arte de matar a seu máximo refinamento.

Os sniper têm mais chances de morrer e raramente sobrevivem a captura. Para isso tem que investir intensamente em camuflagem, táticas e posicionamento. Por isso motivo não é qualquer um que pode se tornar um snipers.

Os voluntários costuma ser soldados experientes que devem ter demonstrado disciplina e desempenho acima da média. A seleção inclui testes de capacidade física, mental e psicológica. A habilidade de atirar em alvo fixo conta menos. Os snipers são melhores para caçar e matar e não tão bons em tiro. O treino pode mostrar falhas graves em outros requisitos importantes. Alguns que não demonstram ser tão bons no tiro se tornam ótimos observadores. A habilidade de tiro está relacionada com os alvos cujo alcance, tamanho, localização e visibilidade não podem ser engajados por um atirador comum. O sniper deve ser paciente e ter controle emocional para operar isolado e sob tensão. Deve ter instinto e iniciativa. Os testes de seleção são bem exigentes.

O sniper tem que ser inteligente para desenvolver habilidades de "zerar" a mira da arma, estimar distância e vento, ter conhecimentos de balística, munição, ajustar óticos, ler mapa, fazer patrulha, usar cobertura e camuflagem, movimentação, observação, coleta de inteligência, escolher posição de tiro, reação ao contato e rota de fuga. O sniper deve saber operar rádios, chamar artilharia, fazer navegação e identificar armas e uniformes inimigos.

O condicionamento físico é importante, pois durante a operação um sniper dorme pouco e ingere pouca água e alimentos. Deve ter bons reflexos e a visão deve ser 20/20. Um sniper não deve fumar, pois a fumaça revela a posição e o nervosismo na hora da pontaria atrapalha o tiro. O treino e a seleção é focado na capacidade de sobreviver sozinho na frente de batalha e atrás das linhas.

Durante o tiro o sniper deve conhecer as técnicas de controle gatilho, alinhar com o alvo e fazer controle da respiração, avaliar distância, ventos, elevação e luminosidade. Deve saber engajar alvos móveis e usar lunetas.

Os sniper treinam disparar o gatilho com ponta dos dedos para maior precisão. Algumas doutrinas falam em respirar fundo antes do disparo e segurar respiração para alinhar e atirar. Outros vão além e citam em disparar entre batidas do coração para minimizar movimento do cano. A posição com melhor precisão é a deitado, com apoio de saco de areia para o fuzil ou bipé.

A chave do bom sniper é consistência, o que implica na capacidade da arma e do atirador. Consistência não significa necessariamente precisão (que precisa de treino) e o sniper não pode ser preciso sem ela. Os disparos de uma posição fixa devem ser agrupadas, mesmo a longa distância.

A consistência tem que ser máxima quando sniper dispara o primeiro tiro contra um inimigo que não sabe da sua presença. Alvos de altíssima prioridade como os snipers inimigos, oficiais e equipamento importante de serem atingidos irão se esconder após o primeiro tiro ou tentar localizar o sniper, e atacar alvos estratégicos se torna mais difícil.

O sniper deve ser capaz de estimar a distância, vento, elevação e outros fatores que alteram o tiro. O sniper deve saber como o calor do cano, a altitude e temperatura ambiente afetam o vôo do projétil.

O problema do tiro a longa distância é calcular o vento. Com vento forte é difícil acertar um alvo a mais de 200m. O vento pode ser estimado pela inclinação da grama. Com vento forte a grama fica com as pontas na horizontal. A chuva atrapalha os projeteis e desviam muito. Para exemplificar, uma equipe de sniper operando no Iraque, realizou no dia 3 de abril de 2003, com um fuzil L96, disparos contra alvos a 860m. Devido ao vento forte, atiraram 17 metros a esquerda do alvo para compensar o vento.

A estimativa distancia se torna crítica contra alvos distantes pois o projétil voa uma trajetória curva e o sniper tem que compensar mirando acima do alvo. Por exemplo, para a munição 7.62 × 51 mm NATO M118 Special Ball, a queda contra um alvo a 700m é de 20 cm.

Atirar para cima ou para baixo precisa de mais ajustes devido ao efeito da gravidade. Contra alvos moveis o ponto de pontaria é a frente do alvo, conhecido como "leading" o alvo.

Um telêmetro laser pode ser usado, mas pode ser detectado pelo inimigo. Um método simples é comparar a altura do alvo com o tamanho de referência Mil Dot na luneta, ou usar distâncias conhecidas na linha de tiro (determinadas o telêmetro antes) para determinar distancias adicionais.



Um sniper permanece em posição por muito tempo durante a missão. Deve ter boa capacidade de alerta, disciplina, paciência e resistir ao desconforto. Um sniper pode ficar estacionado na mesma posição por dias. Urinar e defecar em bolsa plástica se torna essencial visto que o cheiro pode denunciar a posição para tropas passando perto.

Os sniper são todos voluntários e mais por temperamento. É raro um soldado se tornar sniper apenas por ser bom de pontaria. Alguns nascem para ser caçadores. O Sargento York do US Army, em outubro de 1918, plotou vários ninhos de metralhadora alemãs que estavam atrapalhando o avanço de sua unidade da 82 Divisão. Quando as metralhadoras começaram a atirar o sargento respondeu atirando a 300 metros com o seu fuzil. Em uma ocasião um grupo de combate alemão se aproximou da sua posição e com o fuzil descarregado teve que usar sua pistola .45 e matou os 10. Do primeiro ao último até o líder bem próximo sem errar um tiro e recarregando. Depois recarregou o fuzil e silenciou quatro ninhos de metralhadoras com 35 tropas, matando 25. Acabou desmoralizado o inimigo que se rendeu. O sargento York teve que cuidar sozinho de 132 alemães. Usou um fuzil Enfield sem mira telescópica e apenas mira comum. Ganhou a medalha de honra no Congresso.

O sniper aliado com maior número de kills na Primeira Guerra Mundial foi o índio canadense Francis Pegahmagabow com 378 kill mais 300 capturados. Lutou quatro

anos na guerra e se feriu apenas uma vez. Na Segunda Guerra Mundial as escolas de snipers russos preferiam recrutas os caçadores da Sibéria que já eram snipers natos. Até 1939 os russos treinaram seis milhões de "sniper". Não eram todos sniper, mas bons até 400m. Eram a fonte de snipers reais.

A maioria dos cursos de sniper dura entre cinco a seis semanas. Podem ser realizados na própria unidade ou em escolas especializadas.

Quando começou a Segunda Guerra Mundial, apenas os alemães e os soviéticos tinham mantido seu treinamento específico para snipers. Os alemães tinham melhores armas e sistemas óticos, porem os soviéticos os suplantavam em técnicas de camuflagem.

São os fuzileiros navais britânicos (Commandos) e os fuzileiro navais americanos (Marines) que dão um bom padrão de tiro para os infantes sendo mais fácil conseguir candidatos para as escolas de snipers. O treino dos snipers dos Royal Marines britânicos treino é de nove semanas sendo o curso mais antigo. Os candidatos devem ter pelo menos três anos de experiência, demonstrar precisão no tiro a 600m, passar no teste de se esconder a 250m e disparar sem ser detectado, caçar e encontrar um alvo a 1000m e disparar sem ser detectado, julgar distancia e passar em um teste escrito. No teste final deve detectar e identificar sete de dez itens camuflados no campo com luneta em 40 minutos. Nos treinos são 18 "caçadas" em nove semanas. 50% dos recrutas falham no curso.

O USMC estabeleceu uma escola permanente de sniper em 1977, sendo um curso igual ao dos fuzileiros britânicos com 30% de falha. O curso dura 10 semanas, com fase acadêmica, de campo e de caçada (stalk). A escola do US Army foi formada em 1987 com um curso mais simples que o USMC. Na operação Desert Storm foi deslocado para treinar no local. As tropas das Forças de Operações Especiais americanas participam de cursos nas escolas do US Army e USMC.

Os snipers russos tem o treinamento mais longo de todos os países chegando a durar um ano. Os russos dão muita importância aos sniper devido a experiência na Guerra Civil espanhola e na guerra contra a Finlândia. Seus atiradores de elite atuam como snipers ou DM dependendo da situação. São treinados aos milhares como DM que depois servem de fonte para sniper verdadeiro.



Um sniper israelense dá proteção para um treinamento de transposição de obstáculo das tropas blindadas. Israel tem fama de ter uma força militar muito profissional, mas a escola de snipers de Israel tem péssima fama. É muito fácil passar e os testes físicos e mentais são pouco exigentes. Aceitam os piores das Forças Armadas, as vezes para se recuperar de problemas ortopédicos. São recrutas bem jovens e não soldados experientes. Os instrutores nem gostam de mostrar a insígnia de sniper. Os militares israelenses também não estão conscientes da importância dos snipers. Já os snipers das Forças de Operações Especiais são de ótima qualidade.

A resistência psicológica está relacionada com o tipo de missão, riscos e relação com as tropas amigas. Um sniper sabe que se render pode não sobreviver. São geralmente mortos na mesma hora. Os sniper alemães na frente russas levavam pistolas não para se defender mas para evitar ser capturado vivo. A força de sniper da África do Sul na Primeira Guerra Mundial perdeu 35% das tropas contra 5% das tropas regulares.

Os snipers costumam ser desprezados até pelas próprias tropas por vários motivos. Caçar um ser humano como animais é geralmente considerado imoral assim como matar a distância. Os soldados "normais" se preocupam mais em obedecer ordens e sobreviver. Nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial eram desprezados pois chamavam a artilharia para a posição quando começavam a atirar. A presença de um sniper sempre atrai seu equivalente do outro lado e acaba sempre "sobrando" para mais alguém.

Os snipers até evitam contato social, mais por preconceito por não conhecer o trabalho. No Vietnã os snipers chamados de "snipers LTDA". Os snipers geralmente são solitários ou relacionam-se apenas com os da sua própria espécie. Em algumas missões

são lançados atrás das linhas de helicóptero e sem oportunidade de reforço, sendo tratados como descartáveis.

Porém, quando tropas amigas estão em contato com sniper inimigo geralmente chamam um sniper para ajudar. Cada sniper inimigo morto são vários amigos salvos. Os snipers brincam dizendo que a melhor maneira de pegar um sniper é correr para uma cabine telefônica e procurar o número dos snipers nas páginas amarelas.

HISTÓRIA

As técnicas, táticas, doutrina e emprego dos snipers vem se desenvolvendo com a história. Não foi criado do nada ou por uma boa ideia.

A história recente dos snipers começa na guerra de independência americana, em 1775, quando milicianos locais conseguiam acertar formações inglesas a distância. Os alvos preferidos eram os oficiais que tinham uniformes bem diferenciados dos soldados. Alguns batalhões ingleses chegaram a perder todos os oficiais. Os veteranos caçadores de peles locais, acostumados a longos períodos de solidão, formaram unidades de "sharpshooters" (atiradores de elite), equipados com rifles Kentucky, os quais, pela qualidade de sua manufatura e longo comprimento de cano, tinham mais alcance e eram mais precisos do que os fuzis dos soldados britânicos.

O desempenho destas unidades levava o pânico aos corações dos soldados de britânicos, que não tinham sequer como combatê-los, pois nunca os viam, ouvindo apenas o assobio da bala. Nesta época a táticas das tropas armadas com mosquetes para tiro a longa distância era atirar em massa contra a massa de tropas inimigas. Acertava mais por sorte.

Antes desta época as armas eram muito imprecisas para que o sniper fosse viabilizado. Cada Divisão francesa na época de Napoleão tinha dois batalhões de mil "sharpshooter". Estes batalhões tinham capacidade de atingir alvos a 100 metros. Ficavam concentrados em uma guerra particular ao invés da batalha geral como infantaria. Em combate atuavam juntos, formando uma força maior de cerca de 16 mil homens para concentrar contra força de até o dobro do tamanho e venciam fácil. Cada Companhia também tinha um grupo de "sharpshooter" para serem usados contra artilharia e oficiais. Na época os combates eram a cerca de 150 passos.

O fuzil de tiro de repetição da era industrial era 10 vezes mais preciso que os mosquetes não raiados. O infante logo ficou mais letal. Em 1848 surgiu o projétil em cone, chamado de munição Minié. Era mais preciso que o projétil todo arredondado.

No século 19 já se percebia que sniper podia influenciar o resultado de uma batalha, ou pelo menos atrapalhar em muito o inimigo. Na batalha de Gettysburg em 1862 dois snipers confederados mataram dois generais e feriram outro, além de vários oficiais

superiores. Direcionou a artilharia para sua posição e liberou uma frente.

Na guerra civil americana foram formados um batalhão de sniper confederado. As técnicas logo foram aprimoradas e novas armas apareceram. A lista de prioridade de alvos logo foi criada. Também ocorreram duelos de snipers. Passaram a ser usados como fonte de coleta de informação e observação. Em uma ocasião um sniper conseguiu silenciar um canhão por dois dias simplesmente evitando que alguém chegasse perto. Os snipers logo aprenderam que disparar de cima de uma arvore logo resultava em retorno do inimigo com morte certa. Só os japoneses continuaram a usar esta tática no Pacífico.

Foi o Tenente Coronel D. Davidson, veterano da Guerra da Criméia (1854-56), o primeiro a sugerir instalar lunetas nos fuzis de infantaria para aumentar a precisão a longa distância, além de melhor treinamento. A luneta foi pouco usada no conflito, mas aproveitaram as táticas. Na mesma guerra, John Jacob, oficial que servia na Índia, tinha um fuzil com projétil explosivo com alcance de 1800 metros. Foi testado no conflito contra uma posição de canhão que logo se retirou.

Em 1868 surgiu a tecnologia de cartucho e a pólvora de pouca fumaça. O poder, alcance e precisão foram aumentados a níveis nunca atingidos antes e era tudo que os snipers precisavam dando um grande impulso para novas táticas e técnicas.

Em 1880 foi introduzido a pólvora com pouca fumaça e mais potente. Antes a fumaça branca dominava o campo de batalha e a posição dos sniper era facilmente visível. Sem fumaça o efeito moral de terror dos tiros do sniper foi multiplicada.

Na Guerra dos Boers entre 1899 a 1901, os Boers, fazendeiros de origem holandesas, eram caçadores locais e bons de tiro, deram muito trabalho as tropas inglesas. Eram guerrilheiros sem treinamento militar e usavam táticas próprias. Atiravam de longe sem ser atacados. Usavam camuflagem nas roupas, face e chapéu. Os britânicos eram lentos e tinha que caminhar a noite. Os Boers eram rápidos e disparavam escondidos a longa distância. Logo os britânicos só marchavam a noite para se proteger. Os britânicos não eram treinados para tiro a longa distância tiro e nem contra guerrilha. Os Boers usavam o terreno e a camuflagem para compensar a desvantagem numérica. Mesmo assim a superioridade britânica acabou vencendo, mas com muitas lições que mudariam a guerra no futuro e seriam aplicadas na Primeira Guerra Mundial.

Primeira Guerra Mundial

A palavra sniper tomou uso rotineiro na Primeira Guerra Mundial. Antes da Primeira Guerra Mundial, os britânicos estavam preparado para uma guerra concentrada sustentado fogo em pequena área. O conflito logo degenerou para outro tipo de guerra. Inicialmente os britânicos tinham trincheira bem definidas. Depois passaram a entulhar tudo na frente como os alemães faziam.

Antes do conflito a Alemanha já usava snipers em nível de Companhia. Uma seção do batalhão tinha 24 sniper com fuzis equipados com boas lunetas. Os alemães trabalham em dupla revesando o papel de observador e sniper. Cansa ficar olhando por uma luneta ou binóculo por muito tempo. Com seus snipers os alemães conseguiram dominar os dois primeiros anos na terra de ninguém. Em um dia típico, um batalhão aliado perdia 18 homens para os sniper. Nas trincheiras as distâncias eram sempre a menos de 200 metros.

Os sniper atiravam de várias posições trocando frequentemente. As posições eram reforçadas com metal, cavalos, corpos faltos e qualquer material para camuflar a posição, com locais de tiro falso para atrair a atenção. Na Primeira Guerra Mundial, os alemães usavam placas de metal nas trincheiras com buraco para atirar. A reação foi o uso de artilharia e camuflagem das posições. Os britânicos testaram um fuzil para matar elefante para perfurar as placas blindadas. Os alemães reagiram colocando duas placas com terra no meio. Usaram táticas de mostrar capacete e cabeças falsas acima do parapeito para chamar a atenção. Já os britânicos testaram um fuzil com mira por periscópio para observar e atirar sem se expor.

Na década de 30 apenas os russos continuaram a manter uma escola de sniper. Os alemães, britânicos, franceses e o US Army fecharam suas escolas e o USMC manteve um pequeno grupo. Os britânicos reabriram sua escola em 1940. O US Army reabriu em 1942. Os alemães reabriram logo no inicio de suas operações.

No fim da década de 30, na guerra contra os russos, os finlandeses caçavam inverno com fuzil e era muito mais fácil caçar soldados russos que pássaros voando. As táticas eram simples. Os sniper finlandeses eram muito móveis com seus esquis, ficavam a frente de linha de defesa ou flancos, atacando postos artilharia, morteiro e postos de comando. A determinação de defender o país valia muito. Já os snipers russos tiveram que reagir treinando para guerra no ártico e passaram a ser mais independentes da unidade que apoiavam.

Segunda Guerra Mundial

Quando começou a Segunda Guerra Mundial, apenas os alemães e os soviéticos tinham mantido seu treinamento especifico para snipers. Os alemães tinham melhores armas e sistemas óticos, porem os soviéticos os suplantavam em técnicas de camuflagem. Quando os britânicos criaram sua escola de snipers o manual ainda era da Primeira Guerra Mundial. O treinamento não incluía papel de infantaria como tomar terreno, capturar prisioneiros ou liderar ataques.

Os snipers alemães que atuaram na frente russa tinham como alvos principais os operadores de armas pesadas, observadores, oficiais, ou tudo que ameaça o avanço das tropas. Sem liderança as tropas russas não avançavam e ficavam paralisadas ou

fugiam.

Os sniper alemães avançavam com as tropas, cobriam flancos e pegavam observadores e ninhos de metralha inimigo. No fim da guerra cada pelotão alemão tinha pelo menos dois homens treinados como scout e sniper.

Na tundra russa, os sniper ficavam na frente das tropas. Penetravam a noite nas linhas e durante o ataque ou barragem pré-ataque tinham a missão de abater os comandantes e artilheiros. As vezes acompanhavam o avanço para atingir operadores de metralhadoras e armas anti-carro.

Uma tática de um sniper alemão durante um avanço inimigo era deixar varias ondas atacar e atingir as ultimas no estomago. Os gritos dos feridos enervavam os da frente. Depois passava a atingir os mais próximos a 50m na cabeça. É possível conseguir cerca de 20 kill em poucos minutos.

A tática de apoio de retirada iniciou com os alemães na Segunda Guerra Mundial, em 1944, quando um batalhão usava 4-6 snipers para cobrir a retirada de uma compania ou batalhão. Uma metralhadora seria detectada imediatamente enquanto os tiros a longa distância dos snipers não e o inimigo passaria a atuar com cautela para caçar os snipers.

O cerco de Stalingrado durou 900 dias. Lembrava a guerra de trincheira na Primeira Guerra Mundial. Em um cenário urbano onde cada janela ou buraco podia ser fonte de sniper. Para os snipers os alvos eram fugazes, e a posição ficava comprometida rapidamente com movimentação. Um ataque frontal era suicídio, as incursões esporádicas e brutais virou norma com uso de sniper. Os sniper dominaram o local e a morte rondava todos os lugares. As distancia cidade eram de curto alcance e a maioria menos de 300m. Na cidade é muito difícil saber de onde vem o tiro devido ao eco.

Em 1924, os russos criaram várias escolas de snipers. Gostavam de recrutar os caçadores da Sibéria por serem bons para atuar no campo e eram caçadores natos. Os melhores iam para as escolas distritais e nas escolas centrais os melhores viravam instrutores.

Os snipers russos tiveram papel importante na Segunda Guerra Mundial. Estima-se que mais de 40 mil alemães mortos foram pelos snipers. No inicio da Segunda Guerra Mundial havia uma equipe de fogo de snipers por Divisão. No fim da guerra já havia 18 snipers por batalhão ou dois snipers por pelotão. A doutrina inclui usar o sniper a nível de pelotão como parte da unidade, chamado de DM em outras doutrinas. O objetivo é compensar a capacidade de disparo longa distância perdida com os novos fuzis de assalto otimizados para curto alcance e tiro rápido. A infantaria passou a usar muita submetralhadoras para supressão e era uma arma ruim contra alvos em profundidade. Doutrinariamente os snipers cobriam estes alvos mais distantes. A submetralhadora

que era ideal em combates urbanos. Até os snipers levavam uma nestes cenários.

Na doutrina russa os snipers fazem supressão a longa distância e eliminam alvos de oportunidade como líderes. Os russos sabem que os lideres são um alvo importante pois é difícil substituir sargentos e oficiais de campo em tempo de guerra. Os russos perceberam que um fuzil de sniper mais caro e menos rústico pode compensar o custo-eficiência de um fuzil de assalto com boa seleção de pessoal, treino e doutrina. Por exemplo, os snipers de um regimento mataram 1200 inimigos com perda de menos de 100 homens. Os russos perceberam que as mulheres eram boas para a função de sniper devido a paciência, cuidado e evitam combate curto devido a fraqueza corporal.

Os snipers atuavam em duplas, com fuzil Mosin-Nagant com luneta zoom de 4x. Era preciso até 800m. Os snipers russos também levavam submetralhadoras. Observador também fazia pontaria para observar o tiro e atirar se o sniper errar. Durante um avanço alemão a missão dos snipers russos era segurar o avanço e procurar outra posição depois. O custo em vida foi alto.

Exemplo de operações na retaguarda seria uma operação onde seis equipes de snipers russos foram ordenados parar uma coluna de reforço alemã. Foram de esqui até a posição. Duas duplas cobriam o inicio do comboio, duas o meio e as outras o fim. A primeira dupla abriui fogo e parou o comboio. Os outros foram batendo alvos. Quando começavam a tentar fazer o comboio se mover, os snipers reiniciavam os tiros e os alemães paravam. Foi se repetindo até uma posição ser localizada. Os snipers mudavam de posição para reatacar. Conseguiram parar a coluna que só andou 3-5km em várias horas.

Os oficiais é que ensinavam as tropas a atuar como snipers. Os snipers russos recebiam treino de infantaria comum para operações ofensivas e defensivas. Como levavam submetralhadora, granadas e capacete, ajudava a esconder função se capturado. No fim da Segunda Guerra Mundial havia 18 sniper por batalhão ou dois por pelotão. Os snipers russos foram escolhidos como fontes de heróis e o número de kills pode ser exagerado por isso. Podia ser uma tática de propaganda.

Ainda na Segunda Guerra Mundial, o USMC treinava seus snipers para tiro e reconhecimento e por isso são chamados de "scout-sniper". Cada Companhia tinha três snipers sendo um de reserva. O USMC treinava reconhecimento e táticas de sniper agressivo, mas era difícil de empregar nas selvas do Pacífico. A velocidade de retorno de tiro faz diferença entre vida e morte. Por isso tinha que atuar em equipe de três com sniper, observador e apoio que cobria com metralha BAR ou submetralhadora. Cada companhia tinha uma equipe. Alguns snipers eram improvisados, como um oficial que treinava por conta própria e aproveitava para atuar na função. O uso de luneta mostrou ser uma desvantagem na selva densa o que se repetiu no Vietnã.

O USMC era a única unidade que treinava seus snipers para tiro a até 900 metros. Este treinamento foi importante com sniper conseguindo abater tropas em ninhos de metralhadora em Okinawa a 1.100m. As vezes tinham que usar traçante com o observador indicando onde atingiu um alvo grande para determinar a distância.

A ameaça dos snipers japonesas acabava com a força e moral dos soldados americanos. O USMC logo iniciou o uso de snipers como contra-sniper logo no começo da formação do perímetro da cabeça de ponte durante os desembarques.

Contra bunkers atiravam nas janelas de metralhadoras. Outros japoneses tomavam o lugar, mas logo percebiam o que estava acontecendo e paravam. Depois os Marines conseguiam avançar com apoio dos sniper e atacar com lança-chamas e cargas explosivas.

Os Japoneses na Segunda Guerra Mundial, na campanha do Pacífico, usavam seus snipers mais para defesa e por isso eram considerados menos em ações ofensivas. Funcionava bem no terreno cheio de árvores e areias do Pacifico para controla movimentos de tropas inimigas. O critério de escolha dos snipers japoneses era diferente do ocidental. Eram escolhidos mais pela boa pontaria e era considerada uma honra. O medo de fracasso os tornava bons. O treino era bem pratico e sobrevivia muito tempo com poucos recursos para o padrão ocidental. Os snipers japoneses não faziam ações de coleta de informações, pois atuavam até a morte na posição, matando o máximo até serem mortos, e não voltavam. Na selva das ilhas do Pacífico usavam mira simples para curto alcance.

Os japoneses geralmente deixavam os americanos passar e disparavam por trás de buraco ou do topo de arvores. Com pouca distância até uma submetralhadora Nambu servia como arma de sniper. Os snipers ficavam amarrados em arvores para não dar dica para as equipes contra-sniper que conseguiu atingir, pois não via nada cair. Os ocidentais não usam arvores como posição, a não ser observadores, pois vira uma armadilha mortal se descoberto. Os japoneses usam sapatos e garras especiais para subir em arvores. Conseguiam atrasavam os avanços por horas. Os japoneses também usavam "buraco de aranha", bem profundo, mas ainda com bom campo de tiro.

Os snipers japoneses preferiam o calibre 6,5mm mais fraco. O alcance era relativamente pequeno, mas ainda potente a curta distancia na selva e com pouca fumaça o que era mais importante.

A contramedida americana foi atirar indiscriminadamente no topo das arvores com as metralhadoras BAR ou disparar um canhão de 37mm com munição flechete. Era uma tarefa lenta. Logo que tomavam uma cabeça de praia os Marines tinham que enviar equipes anti-snipers.

No período entre a Segunda Guerra e a Guerra da Coréia, viu-se o ponto mais baixo na

importância militar dos snipers no Ocidente. Apenas os Royal Marines britânicos e o Corpo de Marines norte americanos continuaram a treinar e qualificar snipers. Os soviéticos, por outro lado, mantinham seus snipers treinando sem cessar, e cada Companhia do Exercito Vermelho possuía pelo menos três snipers em seu efetivo. Nos EUA apenas alguns oficiais estudavam e treinavam o assunto e tentavam persuadir o serviço a criar uma escola.

Coréia

Quando a Guerra da Coréia iniciou os snipers tinham sido retirados de serviço após o fim da Segunda Guerra Mundial. Alguns exércitos, como o Canadá, acharam que o sniper seria irrelevante na guerra moderna.

O terreno montanhoso da Coréia favorecia o engajamentos de longo alcance. Os australianos já pensavam que seria uma guerra de snipers e estavam preparados, com cada Companhia tendo alguns snipers e com arma adequada. Vários snipers tinham experiência na Selva de Borneo e gostaram de atirar a distancias maiores que 100 metros.

O aparecimento de sniper no lado comunista logo forçaram os ocidentais a retomar o treinamento de snipers e fez a guerra lembrar a frente de trincheiras da Primeira Guerra Mundial. As tropas ficavam escondidas, mas os americanos também passaram a poder avançar sem ser molestados com apoio dos seus snipers. A tecnologia era a mesma de 1940. Uma tática era operar junto com a metralhadora BAR como na Segunda Guerra Mundial. Podiam usar munição traçadora para indicar alvos para a metralhadora BAR e metralhadoras .30 que não podiam ver as próprias traçantes a distância.

Vietnã

No início do conflito no Vietnã, o USMC tinha poucos snipers que estudavam assunto por contra própria enquanto o Vietnã do Norte tinha várias equipes de snipers para cada Companhia.

O USMC no Vietnã tinha vários critérios de seleção enquanto O US Army escolhia os melhores de mira na Companhia. O USMC dava duas semanas de treino no Vietnã sobre reconhecimento, ocultação e sobrevivência. O programa foi iniciado em 1965 e em 1968 se tornou uma Escola permanente com cada regimento de reconhecimento tendo um pelotão com três grupos de combate de cinco duplas de snipers, além do comando de tropas. O batalhão de reconhecimento tinha quatro grupos de combate com três duplas de snipers além do líder, sargento auxiliar e armeiro.

Os americanos tiveram que reiniciar o treino de sniper quando o conflito começou. O USMC iniciou o treinamento na frente de batalha com os instrutores reaprendendo a

arte dos snipers na pratica. Usavam o princípio de só ensinar se tiver experiência. O local foi a Colina 55 onde os incidentes com snipers inimigos no local caiu de 30 por dia para um ou dois por semana. Os instrutores observaram o local, a trajetória dos projeteis que mataram Marines e observaram que os pássaros não pousavam em certos lugares. Logo perceberam que havia um túnel para atirar de locais com grama alta de várias direções. Pediram para apontar um canhão sem recuo de 106mm para a posição devido a distância. Em caso de tiro de snipers disparariam lá. Dois dias depois um sniper comunista disparou. O canhão de 106mm estava pronto e logo foi disparado. O sniper comunista nunca mais disparou.

No conflito do Vietnã o US Army introduziu a munição de 5,56mm. Esta munição mostrou ser limitada com alcance de 300m, não penetra bem na vegetação e com pouco poder de parada. Os soldados americanos podiam ver os Vietcongs a centenas de metros e não conseguiam engajar com o M-16. As tropas passaram a equipar fuzis M-14 com luneta que depois foi escolhido oficialmente para ser o fuzil de snipers e chamado de M-21 em 1968. O M-21 foi equipado com a luneta ART I (Auto-Ranging Telescope) com inclinação variando com o foco para compensar a queda dos projéteis automaticamente. Logo foi reiniciado a seleção e treinamento dos snipers. O treinamento incluía chamar artilharia. Os recrutas davam até 700 tiros por dia, mas era bom mesmo para condicionar o tiro.

Enquanto o US Army gostou do M-21, mas o USMC não. O USMC escolheu o fuzil de ferrolho Remington 40X com mira Accu-range 3x9 que foi chamado de M-40A1. Os fuzis com ferrolho eram ruins nos engajamentos de curto alcance na selva e os snipers levavam pelo menos um fuzil M-14 ou pistola .45. Atuavam em time de snipers com um pelotão de apoio.

Os snipers vietcongs eram bem treinados, com um curso de 12 semanas. Os comunistas eram treinados no norte e repassavam o conhecimento rudimentar para as tropas do sul. Os norte vietnamitas tinham três grupos de combate de 10 snipers por Regimento que eram protegidos por um pelotão de segurança para cada grupo de combate. O problema era a falta de munição. Os snipers do vietcong ficavam 8 horas por dia em campo e só podiam disparar três tiros a cada cinco dias. Atacavam helicópteros na zona de pouso e serviam como observadores. Os alvos eram oficiais, sargentos e rádio-operadores, abatidos a distância de 600-700 metros, com objetivo de atrapalhar processo de C3 e fogo e manobra. Além dos snipers comunistas, outra ameaça silenciosa eram as armadilhas e minas. Logo os americanos perceberam a importância das táticas anti-snipers e passaram a usar artilharia e apoio aéreo.

O US Army operou mais ao sul do Vietnã, com terreno plano, com muitas plantações e mais aberto. Já o USMC atuou mais ao norte, com muitas florestas e sem bons campos de observação e de tiro. Inicialmente os snipers operavam acompanhando patrulha e depois foram liberados para caçar e mostraram ser a forma mais efetiva.

Os snipers americanos atuando a curta distância, atiravam e corriam. A longa distância não precisavam correr. Esperavam alguém ir até o corpo e ativara novamente. Os sniper marcavam alvos com traçantes para outros meios. Podia ser uma embarcação ATC com canhão de 105mm.

Afeganistão Russo

O conflito russo no Afeganistão pode ser considerado uma guerra dos snipers. Os soldados russos raramente viam o inimigo que disparou e os guerrilheiros afegãos eram bons de mira. Um soldado cita que quando seu blindado foi atingido por uma mina, quem saia do blindado era logo atingido. O blindado pegando fogo estava mais seguro que lá fora e só puderam sair quando outros blindados chegaram para ajudar. Ao saírem notaram que o local próximo mais protegido onde poderia se esconder um sniper estava a pelo menos 500 metros. A guerra no Afeganistão mostrou a fragilidade do sistema de treino dos snipers russos a nível de batalhão e logo foi criado escolas a nível de Corpo de Exército.

Malvinas

O cenário da Guerra das Malvinas tinha bons campos de tiro e boa cobertura sendo um paraíso para os snipers. Os argentinos usaram o fuzil K98K de fabricação local e a M-14 além de outras armas. A maioria dos snipers usava um fuzil com FAL com luneta. Estavam equipados com a mira noturna PVS-4 de segunda geração bem melhor que os Starlight usados pelos britânicos.

Os britânicos usava o fuzil L42 que emperrava com freqüência e a luneta ficava embaçada. Logo começaram a jogar o fuzil fora e pegar fuzis FAL argentinos que eram adequados contra alvos a até 600 metros. Os britânicos treinavam tiro nos navios enquanto iam para as Malvinas.

O valor dos snipers foi novamente mostrado quando um único sniper argentino conseguiu parar uma Companhia britânica por quatro horas. Em Goose Green, os snipers britânicos atiravam nas gretas dos bunkers a 700 metros e os argentinos se rendiam. Era bem mais barato que o uso de mísseis Milan que também foi usado na tarefa. Já as tropas convencionais tinham que dar muita supressão concentrada para poder avançar.

Um sniper argentino conseguiu abater treze militares ingleses antes de ser apanhado. Sua camuflagem era perfeita, e ele atirava apenas em suboficiais e operadores de rádio. Foi descoberto por acaso, quando um soldado inglês, olhando exatamente para o ponto onde ele estava, viu a fumaça de um disparo. Rendeu-se, foi capturado vivo e considerado apenas um prisioneiro de guerra.

Chechênia

No conflito na Chechênia os russos tiveram que reaprender as táticas de sniper na cidade e testaram armas e táticas novas. As batalhas em Grozny lembravam Stalingrado onde podia se perceber facilmente a importância dos snipers. O problema é que os sniper russos eram treinados para atuar como parte de um ataque de armas combinadas avançando rapidamente contra forças se defendendo, atuando como DM. Não estavam preparados para caçar snipers em ruínas ou preparar emboscadas por dias seguidos. Cada pelotão tinha um DM armado com um SVD e que era protegido pelo pelotão.

No inicio da guerra na Chechênia em 1992 havia na Rússia os snipers da reserva das unidades de snipers da RVGK em pequena quantidade e os snipers como parte das unidades que eram DM. As equipes do FSB e MVD eram mais treinadas para ações tipo polícia e eram ruins para caçar snipers ou atuar em campo ou guerra urbana.

Depois da Segunda Guerra Mundial os russos continuaram enfatizando as táticas de supressão, usando até as AK-47/74 para supressão, e com os snipers/DM batendo alvos a longa distância. O próprio fuzil SVD foi projetado para apoio de fogo especial e não para sniper, aumentando o alcance do pelotão de 300m para 600m. Sem um observador com luneta o atirador nem pode ajustar o fogo com eficácia como os snipers ocidentais.

Até 1984, os snipers/DM russos eram treinados a nível de Regimento por um oficial escolhendo alguns recrutas de melhor desempenho. Eram retreinados a cada dois meses por alguns dias. Esta doutrina criava bons DM que cobriam setor de 200 x 1000m. Era esperado uma probabilidade de acerto (Pk) de 50% contra um homem em pé a 800m, e 80% a 500m. A razão de tiro era de dois tiros por minuto para conseguir estas estatísticas.

Já os chechênos conheciam bem o terreno e tinham muitas armas de snipers. Bastavam alguns poucos snipers chechênos para conseguir parar unidades russas inteiras nas cidades. Atuavam como sniper sozinhos ou como parte de uma equipe de quatro armados com PKM e RPG-7. Estes times eram muito efetivos para caçar blindados. Enquanto os snipers com SVD pegavam tropas de apoio os soldados com RPG engajavam os blindados. Grupos de 4-5 times atuavam contra um único blindado. Nas montanhas os snipers chechênos engajavam a longa distância junto com a equipe de apoio. A equipe de apoio ficava mais distante. O sniper disparava alguns tiros e mudava de posição. Se os russos respondiam ao fogo a equipe atirava para atrair o fogo e deixar o sniper fugir.

Em 1999 foi criada uma escola de sniper. Testaram várias combinações de equipes de 2-3 tropas com vários tipos de armas como PKM, RPG-7, SVD e fuzil AK. Vários destacamentos atuavam juntos para apoio múltiplo. Logo voltaram a usar snipers da reserva RVGK. Atuavam em dupla com apoio de uma equipe de cinco tropas. Os russos

voltaram a invadir a Chechênia em 1999, mas com equipes de caça e ataque com dois a três snipers junto com uma equipe de segurança com pelo menos cinco tropas. Não eram só DM e estavam preparados para entrar em posição de dia e atuar a noite.

Na Segunda Guerra Mundial a dupla ficava na mesma posição de tiro, mas na Chechênia ficavam separados podendo ver um ao outro. Criavam pontos de emboscadas 200-300 metros do local. O grupo de apoio ficava a cerca de 200m atrás e 500m para o lado, em uma posição camuflada, por uma ou duas noites e depois retornavam a base.

Os snipers não tinham intenção de se render e por isso, além do fuzil de sniper, levavam um fuzil AK-74 ou pistola, além do óculos NVG, flares, granadas e as vezes um rádio. Se a equipe de apoio falhar, o flare vermelho era usado para chamar a artilharia para a posição. As vezes o grupo chegava a 16 tropas no total. Os russos não atuam com dupla observador/sniper. Geralmente opera com um a três atiradores. Os periscópios tinham sido retirados de uso e voltou a operar na Chechênia para observação.

Os alvos prioritários eram os snipers chechênos e os operadores de lança-chamas RPO (na verdade um lança-rojão com munição termobárica). A seguir estavam os operadores de PKM e RPG-7.



Snipers russos operando na Chechênia. Notem a escolta de fuzileiros.



Um sniper russo atuando na Chechênia. No conflito da Chechênia o Exercito russo estava sem treino há 2 anos e as unidades estavam incompletas. Reuniram unidades sem treino com as pouco treinadas em unidades mistas.



O SV-98 é o novo fuzil dos sniper russos. O modelo acima está equipado com um supressor de som.



Equipe de snipers russos. Depois do conflito na Chechênia os russos testaram várias combinações para as equipes de snipers. A equipe acima está equipado com um fuzil SVD, um fuzil AK com sensor térmico e supressor de som e um ajudante com uma metralhadora PKM.

Iraque

Nos dois primeiros anos de conflito no Iraque em 2003 os snipers americanos conseguiram muitas mortes. Depois menos de um por mês. Os alvos "fáceis" foram todo mortos e os sobreviventes se adaptaram.

Milhares de fuzis SVD foram capturados durante a invasão em 2003, mas a força de segurança de Saddam armazenaram pilhas antes e um bom atirador só precisa de pouca munição. Os insurgentes não tem mira noturna e só atiram área iluminada a noite. Não tem rádio, as vezes usam celular, e só levam o fuzil e as vezes um carregador adicional tornando-se muito móvel, e fácil descartar as evidências incriminatórias para se misturar a população.

O inimigo sabe o que americanos podem fazer e passaram a tomar mais cuidado com a

presença de tropas próximas. Todos observam os americanos e estudam suas táticas e técnicas. Sabem o que é uma Força de Reação Rápida (Quick Reaction Force - QRF), e como opera e aprenderam a disparar e fugir antes que a QRF chegue.

Também passaram a considerar as regras de engajamento e uma diz que um sniper só atiram em inimigos armados. Assim não levam armas até precisarem usar e só andam com roupas civis para se misturar a população. Durante a ação usam balachava preta e encobrem a identidade.

Com o inimigo vestido de roupas civis as tropas americanas passaram a levar kit policial RIFF. Se colocam nas mãos e roupas o kit fica azul em contato com pólvora o que denuncia quem usou armas recentemente. Os guerrilheiros iraquianos também usam humanos como proteção frequentemente. As vezes os civis são pagos ou simplesmente aterrorizados. Os civis são compensados se indicam os esconderijo dos sniper o que virou a maior atividade das crianças. Mesmo assim o uso dos snipers mostrou ser eficiente. Poucos podem manter vários quilômetros de estrada livre de bombas ou deixar a guerrilha longe de certos locais.

Um fuzil M40A-1 do USMC foi encontrado em um carro atacado em Habbaniyah. O fuzil tinha sido capturado em uma emboscada em Ramadi dois anos antes em 2004. Outra equipe de seis snipers dos USMC foi emboscada em Haditha e levou o serviço a repensar o emprego dos snipers. Agora operam em grandes grupos.

Um sniper americano no Iraque classificou os sniper insurgentes em três tipos. O potshot é um civil com fuzil de sniper, geralmente um SVD. O potshot atira a no máximo 200m sem precisar compensar o tiro e são a maioria. Tem o equivalente ao DM com treinamento de tiro, sendo geralmente é um ex militar. Aprendendo com a experiência pode se tornar mortal. São cerca de 40-45% de todos os sniper. Já os sniper qualificados são poucos e mortais. Vários tem experiência na Chechênia e outro lugares. Felizmente para os americanos são cerca de 5-10% no máximo.

O US Army levou três sniper para treinar tropas americanas em Bagdá. Realizam cursos de quatro semanas ao invés de cinco. O curso no local é bom para já aclimatar com o deserto. Os tiros são feitos em alvos com fotos dos mais procurados e já treinavam em inteligência. Também preparavam os alunos para chamar a artilharia.

No Iraque os snipers americanos protegiam as instalações de petróleo com helicópteros UH-60 com capacidade de disparar com fuzil M-24 ou M-107 dando grande mobilidade. Esta técnica já tinha sido usada no Vietnã. A aeronave em alerta decola em 30 minutos em resposta rápida ou cobre uma área bem grande em patrulha de rotina.

Os snipers são geralmente usados para apoiar patrulhas avançando. Usavam seus óticos para procurar locais suspeitos de ter explosivos IED.



Uma dupla de sniper americanos no Iraque. Os fuzis estão camuflados e um está usando um periscópio para observar os arredores. Estão equipados com binóculos, rádios, telêmetros e um está com um fuzil automático. Os americanos colocaram dúzias de duplas de sniper no topo dos prédios em Bagdá para atirar em qualquer individuo armado ou atacando tropas americanas. Com superioridade aérea tiveram domínio fácil dos topos dos prédios.

https://forum.outerspace.com.br/index.php?threads/snipers-guia-completo.392415/